UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TÊXTIL E MODA

GLENDA MAÍRA SILVA MELO

A roupa e a morte

São Paulo
2015

GLENDA MAÍRA SILVA MELO

A roupa e a morte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda da Escola de Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em Ciência Têxtil e Moda.

Linha de Pesquisa: Projeto Têxtil e Moda.
Orientador: Professor Dr. Waldenyr Caldas.

São Paulo
2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO
(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Melo, Glenda Maíra Silva
A roupa e a morte / Glenda Maíra Silva Melo ; orientador, Waldenyr Caldas. – São Paulo, 2015
85 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo
Versão corrigida

1. Moda - Aspectos antropológicos. 2. Vestuário - Aspectos antropológicos. 3. Morte. 4. Costumes. 5. Costureiras – Ituverava (SP). I. Caldas, Waldenyr, orient. II. Título.

CDD 22.ed. – 391

Nome: MELO, Glenda Maíra Silva.
Título: A roupa e a morte.

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciência Têxtil e Moda.

Aprovado em: ____/ ____/ _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

RESUMO

MELO, G. M. S. **A roupa e a morte.** 2015. 81f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Esta pesquisa realiza um estudo sobre a função da roupa mortuária em nossa cultura. O objetivo desta investigação é identificar a função que a roupa dos mortos exerce em nossa cultura. A importância deste estudo está em aumentar a compreensão sobre nossas atitudes e nosso comportamento em relação à roupa. A teoria funcionalista desenvolvida por Malinowski foi adotada como referencial teórico-metodológico e a entrevista livre não organizada foi empregada como instrumento de pesquisa. As entrevistas foram realizadas com costureiras que nasceram entre as décadas de 20 e 40 e que residem atualmente na cidade de Ituverava - interior de São Paulo. A escolha por este grupo social se deu,- em primeiro lugar, devido à percepção diferenciada que esta categoria possui em relação à roupa: a atuação profissional destas mulheres permitiu-lhes adquirir um conhecimento especializado sobre tecidos, estampas, técnicas de corte, técnicas de costura, técnicas de acabamento, nomenclatura de peças e processos de modelagem, conhecimento considerado indispensável para o aprofundamento das entrevistas. A data de nascimento e a localidade estipulados visaram à identificação de mulheres que se tornaram economicamente ativas durante uma época e em uma região em que a grande maioria das roupas eram produzidas por costureiras locais devido à ausência de indústrias de confecção na região. Os dados coletados durante a entrevista foram registrados com a ajuda de um gravador e analisados segundo a perspectiva funcionalista.

Palavras-chave: Roupa mortuária; antropologia cultural; morte; funcionalismo.

ABSTRACT

MELO, G. M. S. **The clothing and the death.** 2015. 81f. Thesis (MS) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2015.

This research conducts a study on the function of burial clothes in our culture. The purpose of this research is to identify the role that clothing plays dead in our culture. The importance of this study is to increase understanding of our attitudes and our behavior in relation to clothing. The functionalist theory developed by Malinowski was adopted as theoretical framework and the non-organized free interview was employed as a research tool. Interviews were conducted with seamstresses who were born between the 20s and 40s and who now reside in the city of Ituverava - São Paulo. The choice of this social group was given - in the first place - because of different perception that this category has in relation to clothing: the professional performance of these women allowed them to acquire a specialized knowledge of fabrics, prints, cutting techniques, sewing techniques , finishing techniques, naming parts and modeling processes; knowledge considered essential for the further development of interviews. The date of birth and place stipulated aimed at the identification of women who became economically active during a time and in a region where the vast majority of the clothes were produced by local seamstresses in the absence of manufacturing industries in the region. The data collected during the interview were recorded with the help of a tape recorder and analyzed according to the functionalist perspective.

Keywords: Burial clothes; cultural anthropology; death; functionalism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Camisa Arapahoe tradicionalmente utilizada na "Dança do Espírito" ...32

Figura 02 - Diagrama elaborado por Malinowski para explicar a função das unidades concretas do comportamento organizado.....36

Figura 03 - Diagrama elaborado por Malinowski para explicar a sequência vital instrumental implementada 40

Figura 04 - Local onde as roupas do filho falecido de Dona E. estão guardadas ...56

Figura 05 - Roupas do filho que foram guardadas após sua morte.....56

Figura 06 - Conjunto de passeio confeccionado por Dona E. para o filho.....57

Figura 07 - Camisa preferida do filho, confeccionada por Dona E. para ele 57

Figura 08 - Terninho confeccionando por Dona E. para o filho 58

Figura 09 - Terninho confeccionando por Dona E. para o filho 58

Figura 10 - Terninho confeccionando por Dona E. para o filho 59

Figura 11 - Terninho confeccionando por Dona E. para o filho 59

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Esquema de respostas culturais geradas a partir da satisfação das necessidades básicas humanas.....34

Tabela 02 - Esquema de respostas culturais geradas a partir da satisfação das necessidades derivadas.....35

Tabela 03 - Tipos institucionais universais.....37

Figura 04 - Esquema de sequências vitais permanentes existentes em toda cultura 39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 11
1.1 OBJETIVOS..... 16
1.1.1 Objetivo geral..... 16
1.1.2 Objetivo específico..... 16
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA..... 17
2.1 OS ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS DO VESTUÁRIO..... 17
2.2 OS ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS DA MORTE..... 20
2.2.1 As perturbações da morte..... 24
2.2.2 A crise contemporânea e a negação da morte e do morrer..... 25
3 MATERIAIS E MÉTODOS..... 27
3.1 A ABORDAGEM DE PESQUISA..... 27
3.2 O REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO..... 27
3.2.1 A Antropologia Cultural..... 29
3.2.2 O estudo da cultura material..... 32
3.2.3 O funcionalismo..... 33
3.3 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA..... 40
3.4 A COLETA DE DADOS..... 41
3.5 O GRUPO SOCIAL PESQUISADO..... 43
3.6 A CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA..... 44
3.7 A ENTREVISTA DEFINITIVA..... 44
3.7.1 A transcrição da entrevista..... 45
3.7.2 Imagens registradas durante a entrevista..... 55
4 RESULTADOS..... 60
5 CONCLUSÃO..... 58
6 SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS..... 63
REFERÊNCIAS..... 64
ANEXOS..... 66
ANEXO A - A APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA..... 67
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... 70

ANEXO C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO..... 72
ANEXO D - ATESTADO DE CONCLUSÃO DE DISCIPLINAS..... 74
ANEXO E - ROTEIRO DE ENTREVISTA PRELIMINAR..... 76
ANEXO F - ROTEIRO DE ENTREVISTA PRELIMINAR..... 81

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa utiliza a antropologia cultural como referencial teórico para a elaboração de um estudo sobre a função da roupa dos mortos em nossa cultura.

Muitas vezes, a morte de um parente deixa para seus familiares a responsabilidade de decidir o que será feito dos objetos pessoais que pertenceram a ele. Sobre este contexto paira o seguinte questionamento: quais os motivos que levam as pessoas a conservarem as roupas que restaram de seus parentes mortos?

Segundo Wilson (1985), tem-se uma sensação estranha quando se olha diretamente para as roupas que tiveram uma relação tão íntima com os seres humanos há muito tempo falecidos. A aparência petrificada destas roupas, segundo a autora, dá-nos o vislumbre de algo parcialmente compreendido, ao mesmo tempo que ameaçador, que nos insere em uma profunda reflexão sobre a atrofia do corpo e a evanescência da vida.

As perturbações da morte também são retratadas em trecho da obra "Somos todos arlequins" de Vladimir Nabokov (1974), na qual o escritor narra a aflição da personagem Vadim ao lidar com os restos mortais da falecida esposa. A atitude de Vadim, segundo Stallybrass (2000), fundamenta-se na tentativa de evitar a nova identidade que os objetos assumem ao simbolizarem a pessoa que anteriormente os possuía, já que estes objetos, ao mesmo tempo que despertavam sentimentos de aflição, pavor e dor, também faziam com que Vadim se sentisse indefeso demais para se livrar deles:

> Uma curiosa forma de autodefesa faz com que nos livremos, imediatamente e irrevogavelmente, de tudo quanto pertencia à amada criatura que perdemos. De outra maneira, as coisas que ela tocava todos os dias e mantinha em seu contexto adequado, pelo ato de manipula-las, começavam a ficar prenhes de terrível vida própria. Seus vestidos usam-se agora a si próprios, seus livros folheiam suas próprias páginas. Sufocamos no círculo cada vez mais fechado desses monstros, mal colocados e mal formados porque ela não está presente para atendê-los. E mesmo o mais corajoso dentre nós não é capaz de se olhar no espelho dela. Como livra-se delas é outro problema. Eu não poderia afogá-los como se fossem gatinhos; a verdade é que eu nunca poderia afogar um gatinho, quanto mais uma escova ou uma bolsa dela. Nem poderia ver um desconhecido apanhá-los, levá-los consigo, voltar para buscar mais (NABUKOV, 1974, p.71).

Segundo Stallybrass (2000), neste trecho, Nabokov capta o traço material que acompanham a vida dos objetos após a morte de seus antigos donos.

Stallybrass (2000) aponta a existência de uma estreita conexão entre as roupas dos mortos que residem estáticas em nossos armários e os fantasmas que elas recriam quando não estão mais lá para nos assombrar. Esta análise é tecida a partir do poema *Resíduo*, no qual o autor Laurence Lerner narra o desconforto criado pelos pertences que restaram de sua finada mãe no armário:

> Minha mãe ao morrer deixou um guarda-roupa [sic] cheio,
> Um mundo meio gasto, meio novo
> Roupas de baixo fora de moda, uma fileira de sapatos
> Solas viradas para cima, nos fitando,
> Um emaranhado de anéis, opalas impacientes, pulseiras e pérolas baratas;
> E, florido ou resplandecente, de raiom, algodão e tule,
> Uma centena de vestidos, esperando.
> Sozinho com aquele esfarrapado passado,
> Meu pobre e alquebrado pai vendeu tudo.
> O que poderia ele fazer? O negociante deu de ombros e disse:
> "É pegar ou largar, depende de você".
> Ele pegou e perdeu os trocados na corrida e cavalos.
> O guarda-roupa [sic], vazio, ficou olhando para ele, anos a fio.
> (LERNER apud STALLYBRASS, 2000, p.25).

Ao se livrar das roupas de sua falecida esposa, o pai de Lerner dá lugar a um vazio simbólico que parece incomodá-lo tanto quanto as roupas que anteriormente habitavam o armário.

Ao contrário do pai de Lerner, a poeta e artista têxtil Nina Payne optou por conservar as roupas do finado marido:

> Tudo que tinha que ser guardado estava armazenado num armário no segundo andar da casa: jaquetas e calças que [os filhos] Eric e Adam podiam eventualmente usar, blusas, gravatas, três camisas feitas de uma pelúcia axadrezada (azul-cinza, vermelho tijolo e ocre-amarelo) (PAYNE apud STALLYBRASS, 2000, p.19).

Estas roupas, no entanto, vieram a se tornar, mais tarde, símbolo de disputa entre seus filhos: as camisas xadrezes começaram a ser usadas inicialmente pelas filhas Jessy e Emily, que as vestiam das formas mais variadas possíveis: "Minhas filhas inventavam maneiras novas de vestir, a partir de uma variedade impressionante de roupas, nas quais a camisa de seu pai tornaram-se um emblema e um signo" (PAYNE apud STALLYBRASS, 2000, p.21). O modo de utilização das peças, no entanto, foi duramente criticado pelo filho Eric, que achava ridículo que as

irmãs estivessem vestindo as camisas do pai, que eram demasiadamente grandes para elas, além de não querer que as camisas ficassem gastas antes que elas pudessem vir a lhe servir. Jessy e Emily rebateram as críticas de forma indignada e continuaram a utilizar as camisas xadrezes mesmo assim.

Eric, ao sair de casa, leva consigo a camisa cinza do pai, que acaba sendo danificada por uma mancha de detergente. Este simples incidente, no entanto, deixa Payne atordoada:

> Quando saiu de casa, Eric levou a camisa cinza com ele. A próxima vez que eu a vi, eu reconheci a fatal mancha vermelha que tinha se infiltrado numa carga de detergente. Por um momento, eu senti como se tudo tivesse perdido sua cor original, se desbotado e desintegrado, mas Eric sorriu diante de meu olhar surpreso e disse: "A mesma coisa aconteceu com minhas cuecas, quando eu estava na sexta série, lembra?" (PAYNE apud STALLYBRASS, p.28)

Já Pincus (1989), em análise da influência familiar nas atitudes dos indivíduos perante à perda por morte, relata ter ela mesmo vivido momentos felizes ao encontrar seu amigo trajando alguma das peças de roupas que lhe foram doadas de seu finado marido: "Por muitos anos tive felizes encontros com ele vestindo as roupas de Fritz, e ainda hoje, dez anos depois, ainda reconheço algumas vezes, com uma monta de prazer, uma gravata familiar" (PINCUS, 1989, p.19).

Entre os diversos casos de influência familiar analisados por Pincus, dois casos que merecem especial atenção: o caso da madrasta que não conseguia aceitar qualquer forma de participação na perda do marido nem em nada que tivesse pertencido a ele, e que, por isso, recusou-se a dar ao enteado a carteira que ele mesmo havia dado de presente ao pai falecido; e o caso de Robin, que após a superação da perda da esposa, distribuiu entre os filhos alguns dos pertences dela, reservando para si a manta favorita dela.

Segundo a autora, muitos fatores interferem em nossas atitudes em relação à perda de uma pessoa emocionalmente importante: o contexto de morte, as perdas anteriormente sofridas, a preparação emocional em relação à perda, etc.

No entanto, o fator-chave, segundo a autora, parece ser a influência mútua que existe entre o que morre e o que o sobrevive:

> Raramente há apenas a pessoa que morre; há aqueles que ela deixa para trás. Nunca há apenas a pessoa que sofre a perda; há também a pessoa morta. Entre si cria o contexto psicológico que dá origem às respostas à perda (...) (PINCUS, 1989, p.30)

Inserida no contexto de morte, a roupa assume, de uma só vez, a simbologia de corpo ausente, a memória vivida e o vínculo emocional perdido, e, ao mesmo tempo, representa a si mesmo como objeto: "Morto, ele ainda está lá, dependurado no armário, na forma de seu corpo impresso sobre a roupa, num punho puído, num cheiro" (STALLYBRASS, 2000, p.18-19).

E mesmo quando exibidas em galerias de Museus, elas são capazes de nos afetar de forma estranha e desagradável: a aparência petrificada das roupas ali expostas contrasta, segundo Wilson (1985), com o movimento dos corpos que um dia as vestiram.

A importância desta pesquisa está em aumentar a compreensão sobre nossas atitudes e nosso comportamento em relação à roupa.

Segundo Keesing (1961), o ser humano não possui o hábito de analisar conscientemente os costumes que formam o seu comportamento. E isto corresponde a uma das dificuldades iniciais enfrentadas por pesquisadores nos estudos da cultura.

Outro aspecto que reflete a importância deste estudo é a necessidade de pesquisa de cunho antropológico que dedique-se a problematizar questões relativas ao vestuário.

Segundo Cordwell & Schwarz (1979), os antropólogos não têm dado ao vestuário a mesma atenção que conferem a outros aspectos da cultura.

Enquanto as relações de parentesco, as relações entre as linguagens e as mudanças na estrutura social são rigorosamente analisadas pelo campo da antropologia, são raras as informações sobre vestimentas encontradas nos textos sobre antropologia social:

> Clothing is a subject about which anthropologist should have much to say, yet remain mysteriously silent. While anthropologists always include language and tool making as distinguishing characteristics of man, adornment receives little systematic consideration. Indeed, descriptions of clothing are so rare in some texts of social anthropology (Beattie 1964; Lienhardt 1964; Mair 1965) that the causal reader might easily conclude the natives go naked (CORDWELL & SCHWARZ, 1979, p. 25)[1].

---

[1] [A vestimenta é um assunto sobre o qual os antropólogos devem ter muito a dizer, apesar de ainda permanecem misteriosamente em silêncio. Enquanto a linguagem e a construção de ferramentas são sempre incluídas pelos antropólogos como características distintivas dos homens, o adorno recebe pouca consideração sistêmica. E de fato, descrições sobre roupas são tão raras em alguns textos de antropologia social que um leitor casual poderia facilmente concluir que os nativos não se vestiam.] [Livre tradução da autora]

A área de estudo que tradicionalmente contempla o estudo vestuário - o estudo da cultura material - também não apresenta importantes contribuições para compreensão dos significados e das funções que a vestimenta possui em nossa sociedade. O estudo da cultura material, segundo Cordwell & Schwarz (1979), evoluiu para uma sistematizada investigação nos campos da tecnologia e da cultura ecológica, sem se ater às questões relativas ao nosso vestuário.

Os antropólogos interessados em arte e estética também se distanciaram das produções têxteis, focando suas pesquisas em ramos específicos da produção cultural, como entalhe, escultura, pintura, música e dança. Como uma exemplificação numérica desta situação, Cordwell & Schwarz (1979) citam o conteúdo de três volumes sobre antropologia da arte e da estética, escritos respectivamente por Helm (1967), Otten (1971) e Joplin (1971), que apresentam no total sessenta e cinco artigos reunidos entre os anos de 1949 e 1970, dentre os quais apenas um (STURTEVANT,1967) aborda questões relativas à roupa.

O descaso científico do campo da antropologia em relação à roupa, no entanto, não é compatível com seu grau de importância em nosso meio sociocultural: as roupas, segundo Flügel (1966), adentraram o âmago da existência humana como entidades sociais[2], normatizam nossas ações e caracterizam o estilo de vida ocidental:

> (...) o homem civilizado tem muito pouca oportunidade de observar diretamente os corpos de seus companheiros. (...) o que nós realmente vemos e ao que reagimos não são os corpos, mas as roupas que nos cercam (FLUGËL, 1966, p.11).

O embasamento teórico desta pesquisa foi feito em duas etapas: a primeira etapa corresponde à revisão bibliográfica, onde a consulta preliminar sobre a relação antropológica entre homem, morte e vestuário é apresentada e discutida; a segunda etapa apresenta o referencial teórico adotado (a antropologia cultural), que estabelece a linha de raciocínio que levara à compreensão do problema de pesquisa.

A revisão bibliográfica por sua vez é dívida em dois capítulos: no primeiro capítulo são abordados os aspectos antropológicos do vestuário; no segundo capítulo são discutidos os aspectos antropológicos da morte.

---

[2] Organizações sociais voltadas ao atendimento de necessidades humanas e a modificação de certas características da sociedade em que se encontram

O método de pesquisa adotado (funcionalismo), as formas de caracterização da amostra e os instrumentos de pesquisa utilizados (a entrevista livre não organizada) são apresentados na sessão intitulada Materiais e Métodos.

Para as entrevistas, foram selecionadas costureiras nascidas entre as décadas de 20 e 40, residentes na cidade de Ituverava - interior de São Paulo. A escolha por este grupo social visou à identificação de mulheres que se tornaram economicamente ativas durante uma época e região em que a grande maioria das roupas eram produzidas por costureiras locais devido à ausência de indústrias de confecção na região.

A longa atuação profissional destas mulheres permitiu-lhes adquirir um conhecimento especializado sobre tecidos, estampas, técnicas de corte, técnicas de costura, técnicas de acabamento, nomenclatura de peças e processos de modelagem, conhecimento este considerado indispensável para o aprofundamento da relação estabelecida com as roupas que restaram do parente morto.

Os dados coletados durante a entrevista foram registrados com a ajuda de um gravador e analisados segundo a perspectiva funcionalista.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa é identificar a função que a roupa dos mortos exerce em nossa cultura.

1.1.2 Objetivo específico

O objetivo específico desta pesquisa é identificar os motivos que levam uma pessoa a conservar as roupas de um ente falecido.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 OS ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS DO VESTUÁRIO

Achados arqueológicos sugerem, segundo Keesing (1961), que o uso das roupas tenha se originado no Paleolítico: dentre os artefatos referentes a este período, foram encontrados agulhas e pinos de abotoar feitos em osso, considerados importantes indicativos da existência de uma forma primitiva de vestuário.

Presume-se, também, segundo o autor, que peles de animais tenham sido utilizadas inicialmente para o aquecimento dos corpos e que contas e colares tenham sido empregados como ornamento.

A possibilidade de adicionar materiais diversos ao corpo deu ao homem a possibilidade, segundo Flügel (2008), de modificar a organização corpórea pré-existente de cor, textura, forma e dimensão física.

O surgimento das técnicas de tecelagem e trançado propiciaram, segundo Keesing (id), o surgimento da arte têxtil e o aparecimento de vestes mais elaboradas, feitas em linho, algodão e seda, enquanto que o domínio da metalurgia ampliou as possibilidades de adorno pessoal com a inclusão de joias produzidas em ouro, prata, cobre e outros materiais.

No entanto, um dos motivos que dificulta ao antropólogo se manifestar sobre as questões do vestuário, segundo Cordwell & Schwarz (1979), é a confusão que se faz, no campo de discussão das Ciências Sociais, entre os termos “adorno” e “vestuário”: roupa, adorno, ornamento, indumentária e vestuário são frequentemente empregados como termos genéricos.

No entanto, as roupas, ao contrário dos adornos, não podem ser consideradas como características de todos os grupos sociais: "Os dados antropológicos demonstram principalmente o fato de que entre as raças mais primitivas existem povos sem roupa, mas não sem enfeite" (FLÜGEL, 1966, p.13). Tal diferenciação cultural é o que, segundo o autor, leva muitos teóricos a acreditarem que o enfeite seja o agente que conduziu posteriormente a adoção do vestuário.

Este argumento também ganha força no campo da filogenia, já que estudos indicam que na criança o prazer de se enfeitar surge muito mais cedo que o sentido de vergonha por exibir-se sem roupa.

Acredita-se, também, segundo Keesing (1961), que o ornamento tenha aparecido em decorrência de algum estímulo de prazer ou de estética, já que crianças, primitivos e símios apresentam tendências decorativas muito semelhantes.

Estudos antropológicos comparados também levam a crer que a função mais universal do vestuário seja a função simbólica de status: o homem, segundo Flügel (1966), é um ser que reage delicadamente à presença e ao comportamento de seus semelhantes. A decodificação de gestos faciais, segundo o autor, demanda uma aproximação íntima por parte do observador que não ocorre em relação às roupas, quando vemos uma pessoa se aproximar. Nossas vestes podem ser claramente distinguidas a uma distância muito maior por apresentarem uma superfície de inspeção muito mais ampla:

> O vestuário e o adorno têm grande visibilidade e isso os torna um meio ideal de simbolismo - e naturalmente o indivíduo que os usa sem esforço, de sorte que pode ser identificado onde estiver, mesmo a certa distância (KEESING, 1961, p.315-316).

A possibilidade de uma maior inspeção também nos permite identificar a pessoa que vemos caminhar em nossa direção. No caso de uma pessoa conhecida, por exemplo, a expressão indireta gerada a partir da movimentação de seu corpo no interior da roupa, nos permitirá julgar, quase que instantaneamente, o estado de espírito deste conhecido:

> É o movimento conferido às suas roupas pelos membros dentro delas, e não o movimento dos membros propriamente ditos, que nos capacita a julgar de um só golpe se nosso conhecido está zangado, assustado, curioso, apressado ou calmo (FLÜGEL, 1966, p.11).

No caso de uma pessoa desconhecida, ajustamos nosso comportamento preliminar segundo as informações que nos são transmitidas por seu vestuário antes mesmo que possa haver algum tipo de comunicação por meio da expressão em seu rosto.

> No caso de um indivíduo desconhecido, as roupas que usa nos dizem imediatamente algo de seu sexo, ocupação, nacionalidade, e posição social, capacitando-nos a fazer um ajuste preliminar de nosso comportamento em relação a ele, muito antes que se possa ensaiar uma análise mais delicada de traços e linguagem (FLUGËL, 1966, p.11-12).

No papel de construção artificial, segundo Flügel (2008), a roupa agrega, concomitantemente, as qualidades de "pele exteriorizada" e de "casa ambulante".

Como pele exteriorizada, a roupa estipula uma fronteira separativa entre o corpo biológico e do ambiente externo (o meio social):

> Se o corpo, com os seus orifícios abertos, é em si mesmo perigosamente ambíguo, então a roupa, que é uma extensão só liga esse corpo ao mundo social como também o separa ainda mais nitidamente dele. O vestuário constitui a fronteira entre o eu e o não-eu (WILSON, 1985, p.13).

Na qualidade de pele exteriorizada, a roupa também adquire a função de realçar os atrativos sexuais de seu portador: em sociedades primitivas, segundo Flügel (1966), o uso de roupas e enfeites se inicia na região genital e frequentemente carrega uma relação específica com algum acontecimento sexual (puberdade, casamento, etc.). Entre os povos civilizados, o propósito é o de "acrescentar atração sexual aos que as usam e estimular o interesse sexual dos admiradores do sexo oposto e a inveja de seus rivais" (FLUGEL, 1966, p.20).

Na condição de casa itinerante, a roupa adquire, segundo o autor (id), as funções de proteção, decoração e pudor.

Como elemento de proteção, as roupas são, comumente, associadas à necessidade de se proteger o corpo contra mudanças bruscas climáticas, tais como calor excessivo, nevascas, tempestades, ventanias, etc. No entanto, segundo Flügel (1966) e Cordwell & Schwarz (1979), muitos teóricos acreditam que o fator de proteção conferido às roupas esteja conectado a uma necessidade racional mais de uma necessidade física: o homem civilizado, segundo Flügel (1966), utiliza em muitos locais muito mais roupas do que deveria, chegando a causar danos à própria saúde, e o primitivo a utiliza para se proteger; nas sociedades primitivas, segundo Cordwell & Schwarz (id), o fator de proteção contra maus espíritos é a principal justificativa do uso adornos.

Como elemento decorativo, a roupa assume a finalidade de embelezar a aparência física de seu portador para, deste modo, atrair olhares admiradores de outros indivíduos e de fortalecer a roupa de seu usuário.

O pudor, segundo Flügel (1966), é geralmente o fator que nos impede de chamar a atenção para nós mesmos, pois tende a nos fazer ocultar as excelências físicas que possuímos. Sua manifestação aparenta ser uma resposta secundária à reação primária para a auto exibição.

As roupas, no entanto, parecem conciliar de modo eficaz duas atitudes aparentemente opostas em relação ao vestuário: as necessidades humanas de pudor e erotismo. O conflito originado entre estas necessidades é atenuado quando a tendência de exibição que se manifesta originalmente em relação ao corpo nu é transportada para a roupa.

> As roupas servem para cobrir o corpo e, assim, satisfazer o impulso de pudor. Mas ao mesmo tempo, podem realçar a beleza do corpo (...). Quando a tendência exibicionista passa do corpo nú para o vestido, pode satisfazer-se com muito menos oposição por parte das tendências ligadas ao pudor que quando estas se enfrentam como o corpo em estado de natureza (FLÜGEL, 1966, p.17).

Neste caso, segundo o autor, é como se as tendências de pudor e erotismo sentissem-se satisfeitas com a troca simbólica ocorrida ente corpo e roupa e o equilíbrio fosse reestabelecido.

2.2. OS ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS DA MORTE

A antropologia, segundo Morin (1970), dedica-se a estudar o homem por meio da interação com os seus utensílios (*Homo faber*), do seu grau de desenvolvimento intelectual (*Homo sapiens*) e dos processos de aquisição e transmissão de linguagem (*Homo loquax*), negligenciando muitas vezes o aspecto humano que lhe é mais particular: a morte.

Segundo o autor, são as atitudes e crenças do homem perante a morte que mais o distinguem de outros seres: a raça humana é a única espécie que tem consciência de que sua vida é finita, que utiliza ritos fúnebres para acompanhar os falecidos e que crê na sobrevivência - ou no renascimento - dos mortos.

Segundo Morin (id), o indício mais antigo de que dispomos sobre a conscientização do homem em relação à morte é a sepultura: elas apontam para a comovedora revelação de que o homem em seu estado mais primitivo já se preocupa com seus mortos e, consequentemente, com a morte.

A prática do sepultamento na pré-história, segundo o autor, também indica a capacidade do homem pré-histórico de discernir entre os estados de vida e morte de um mesmo corpo e que o cadáver humano já era capaz de despertar emoções que se socializavam na forma de práticas fúnebres: os Musterianos, que habitaram a terra durante o Paleolítico Médio, enterravam seus mortos amontoando-se pedras

sobre os corpos, cobrindo particularmente o rosto e a cabeça. Mais tarde, estes mortos passaram a ser enterrados junto a restos mortais, armas, alimentos e ossadas e os esqueletos passaram a ser besuntados com substâncias cor de sangue:

> (...) Entre os melhores exemplos de sepulturas com sentido mágico-religioso, citemos a Teshik Tash, no Usbequistão (uma criança rodeada por uma guarnição de chifres de cabritos-monteses; a de Chapelle-aux-Saints, no departamento de Corrèze (na vala onde repousava o corpo encontraram-se várias ferramentas de sílex e pedaços de ocra vermelha) a de Ferrassie, na Dordonha (diversos túmulos em montículos com depósitos de ferramentas de sílex) (ELIADE, 2010, p.23).

Os homens Neandertais[3], segundo Nouy (apud Morin, 1970), não só enterravam seus mortos em sepulturas, como também os agrupavam em vezes: o sepultamento duplo de crianças foi descoberto em uma caverna próxima à cidade de Menton, no Sul da França, durante escavações realizadas pelo arqueólogo Èmile Rivière, em 1987 - a importância do achado conferiu ao local o nome de *Grotta dei Fanciulli* (Gruta das Crianças).

E até mesmo os povos Koriacs, que habitavam o leste siberiano e lançavam os corpos dos mortos ao mar, não desprezavam os mortos: "embora os Koriacs do Leste Siberiano lançassem seus mortos ao mar, estes são confiados ao oceano, não desprezados" (MORIN, p. 25, 1970).

O que também justificaria o esforço empregado para realização do enterro dos corpos, segundo Eliade (2010), seria a crença no regresso dos mortos ou em seu renascimento:

> (...) certas sepulturas também podem ser interpretadas como uma preocupação contra o eventual retorno do morto; nesses casos, os cadáveres eram dobrados e amarrados. Por outro lado, nada impede que a posição curvada do morto, longe de denunciar o medo de "cadáveres vivos" (medo atestado em alguns povos), signifique ao contrário, a esperança de um "renascimento"; conhecem-se vários casos de inumação intencional em posição fetal" (ELIADE, 2010, p.23).

Outro fator que, segundo Eliade (2010), também, indicaria a crença em uma vida pós-morte, seria o costume primitivo[4] de salpicar os cadáveres com ocra

---

[3] Surgidos por volta de 230.000 anos antes do nascimento de Cristo.

[4] A antropologia europeia diferencia os povos arcaicos dos “bons selvagens”. Esta linha de raciocínio também é seguida por Morin, que emprega o vocábulo "primitivo" como o oposto de "civilizado" e de "arcaico" como oposto de "moderno". Esta diferenciação também foi adotada no decorrer do texto.

vermelha - utilizada ritualmente como um substituto para o sangue e, portanto, como um símbolo da vida. Esta prática parece ter se generalizado durante o Paleolítico Superior, junto ao hábito de depositar no interior dos túmulos certa quantidade de objetos de adorno, tais como colares, conchas e penduricalhos. Também acredita-se, segundo o autor (id), que os crânios e as ossadas de animais descobertos ao lado dos túmulos correspondam a restos de refeições ritualísticas ou até de oferendas.

As oferendas mortuárias corresponderiam, segundo Freitas (1982), a uma sequência natural do culto aos mortos, se partíssemos do pressuposto que os mortos não encontrariam forma de sobreviver sem que lhes fosse disponibilizado no interior dos túmulos o que necessitariam para a vida eterna. Essa prática, segundo o autor (id), é mantida até os dias de hoje, sob a forma de depósito de flores e de outras dádivas nas sepulturas.

Para Eliade (2010), a presença de tais objetos no interior dos túmulos implica não só na crença de que o morto continuará sua atividade específica no outro mundo, mas também a crença de que morto continuará sua atividade específica no outro mundo.

A orientação do corpo no interior da vala também traz consigo certa carga de simbologia: enterros direcionados na direção do nascer do sol, segundo Eliade (2010), marcam a esperança de que a alma tenha um destino "solidário" com o curso do Sol, ou seja, que "renasça" em um outro mundo em uma pós-existência.

A etnologia também demonstra, segundo Morin (1970), que ao longo de nossa história, os mortos foram - e ainda são - alvos de práticas que visam à sua sobrevivência (na forma de espectro corpóreo, sombra, fantasma, duplo, etc.) ou renascimento. Tal simbologia se faz presente nas práticas funerárias dos povos arcaicos que sobreviveram à influência da cultura ocidental no passar dos anos.

Como forma de exemplificação, segue a descrição e a posterior análise do sepultamento de uma jovem pertencente à tribo dos índios Kogi[5], realizada por Reichel-Dolmatoff, em 1966:

> Após ter escolhido o local da cova, o xamã (máma) executa uma série de gestos e rituais e declara: "Aqui é a aldeia da morte; aqui é a casa cerimonial da morte; aqui é o útero. Vou abrir a casa. A casa está fechada, e eu vou abrí-la". A seguir anuncia: "A casa está

---

[5] Tribo indígena que habita a Serra Nevada de Santa Marta, na Colômbia.

> aberta". Indica aos homens o lugar onde devem cavar a cova e retira-se. A morta está envolta em um pano branco e seu pai cose a mortalha. Durante todo esse tempo, a mãe e a avó entoam uma canção lenta, quase sem palavras. No fundo do túmulo, colocam-se pequenas pedras verdes, conchinhas e a sambá de um gastrópode. Em seguida, o xamã tenta inutilmente erguer o corpo, dando a impressão de que é pesado demais; só na nona tentativa é que consegue fazê-lo. O corpo é depositado com a cabeça voltada para o leste e "fecha-se a casa", isto é, cobre-se de terra a cova. Seguem-se outros movimentos rituais em torno do túmulo, e finalmente todos se retiram (REICHEL-DOLMATOFF apud ELIADE, 2010, p.24).

Segundo Reichel-Dolmatoff (*apud* Eliade, 2010), os Kogi verbalizam o cemitério como "aldeia da morte" e a cova; como "casa" e "útero"; o que explica a posição fetal do corpo no interior da cova deitado sobre o lado direito e a tentativa do xamã em tentar levantar nove vezes o corpo, assinalando o retorno do corpo a seu estágio fetal. Os demais elementos no interior do túmulo também possuem uma simbologia própria: segundo o autor, as conchinhas representam os familiares vivos da jovem morta, enquanto que a sambá de gastrópode simboliza o "esposo" da falecida, que deve ser colocado junto à jovem para que ela não peça um marido quando alcançar o outro mundo - pois isso culminaria na morte de algum rapaz da tribo.

Nestas culturas, a visão que se tem da morte aproxima-se de uma metáfora da vida; um acontecimento que modifica a ordem normal dos fatos, que não implica no desconhecimento da existência da morte, mas anuncia a sua chegada "como de um sono, de uma viagem, de um nascimento, de uma doença, de um acidente, de um malefício, de uma entrada para a morada dos antepassados" (MORIN, 1970, p.2).

Estes dados etnológicos nos permitem visualizar que a morte não existe como conceito para os povos arcaicos; ela existe apenas como uma realidade, como um evento que muda o curso da vida de um indivíduo e o mantém contínuo em um estágio posterior: uma espécie de vida, que prolonga, de uma forma ou de outra, a vida individual (MORIN, 1970, p.25).

Para os "selvagens", segundo Baudrillard (1996), a morte não existe como um fato biológico; ela existe apenas como uma desordem absoluta causada por forças irreconciliáveis nada piedosas, que espreitam os vivos e os mortos.

Nas sociedades modernas, a morte é reconhecida como um fato irrevogável, uma ruptura, um vazio, uma perda irreparável de um indivíduo único e insubstituível: "um vácuo, que se cava onde havia plenitude individual" (MORIN 1970, p.32).

A perda da individualidade, segundo Morin (1970), é o que fundamenta todo complexo traumático que ocorre perante a morte, pois nos obriga a aceitar o fato de que nossa individualidade também é finita. Segundo Aisenberg & Kastenbaum (1938), ela implica na autoconsciência de que também morreremos, e a sentença "eu morrerei" implica em uma série de conceitos abstratos, tais como:

> 1. Eu sou um indivíduo com vida própria, uma existência pessoal;
> 2. Pertenço à classe de indivíduos dos quais um dos atributos é a imortalidade;
> 3. Usando o processo intelectual da dedução lógica, chego à conclusão de que minha morte pessoal é uma certeza;
> 4. Há muitas causas possíveis de minha morte e elas operam sob muitas condições diferentes. Embora eu possa me esquivar ou fugir de uma causa particular, não posso escapar de todas as causas.
> 5. Minha morte ocorrerá no futuro. Por futuro, entendo um tempo de vida que ainda não transcorreu.
> 6. Mas não sei no futuro quando no futuro minha morte acontecerá. O evento é certo; a hora, incerta.
> 7. A morte é um evento final. Minha vida termina. Isto significa que nunca mais sentirei, pensarei ou agirei, pelo menos como um ser humano nesta terra.
> 8. Assim sendo, a morte é a derradeira separação entre mim e o mundo
> (AISENBERG & KASTENBAUM, 1983, p.8-9).

O medo, no entanto, merece uma consideração especial, pois o efeito que ele exerce sobre a habilidade do indivíduo em enfrentar os problemas da vida serve de incentivo, segundo Kóvasc (1992) e Aisenberg & Kastenbaum (1938), para que o homem busque a imortalidade.

2.2.1 As perturbações da morte

Dentre as perturbações funerárias, o luto é, segundo Morin (1970), a que possui caráter mais violento, pois é regido pelo temor da decomposição do cadáver. Esta decomposição, segundo o autor; é vista como algo contagioso que afeta em primeira instância os parentes do morto, os quais devem esconder-se ou cobrir-se com um sinal distintivo para que não propaguem o contágio da morte.

Nas ilhas Andaman, por exemplo, os indígenas penduram ramalhetes de folhas nas portas para sinalizar aos estranhos a ocorrência de uma morte no local e

o perigo de se permanecer ali. Em seguida, estes índios abandonavam o povoado e só regressavam após a completa decomposição do cadáver.

Cremação, embalsamento, abandono e enterro são algumas formas das quais o homem se apropria para evitar acompanhar o processo lento de decomposição de seus semelhantes e a possibilidade de contágio.

No entanto, a morte de uma pessoa conhecida não é capaz de surtir o mesmo tipo de perturbação que a morte de um desconhecido.

A dor, segundo Morin (1970), só se faz presente nos casos em que a individualidade do morto é reconhecida:

> (...) quanto mais o morto for chegado, íntimo familiar, amado ou respeitado, isto é, único, mais a dor é violenta; não há nenhumas [sic] ou há poucas perturbações por ocasiões da morte do ser anônimo (...) (MORIN, 1970, p.31).

É o que também acontece quando o morto em questão trata-se de uma pessoa pública (estrelas de cinema, jogadores de futebol, artistas de televisão, cantores, etc.). Estas mortes provocam uma comoção social muito mais ampla e impactante do que o extermínio de grupos populacionais inteiros. Nos casos em que o morto não passa de um simples desconhecido, o defunto suscita, segundo Morin, apenas indiferença.

2.2.2 A crise contemporânea e a negação da morte e do morrer

Segundo Freire (2006), o reconhecimento do indivíduo pela sociedade moderna contribuiu para que mudanças significativas ocorressem nas atitudes humanas em relação à morte: o advento da individualidade derruba os preceitos culturais que durante muito tempo sustentaram a visão de continuidade de vida em outro plano existencial.

O fim da cresça na vida pós-morte coloca o indivíduo como autor de seu destino e responsável pelo aproveitamento do tempo de vida que ainda lhe resta.

A impossibilidade de perda de tempo inseriu este mesmo indivíduo "em uma corrida alucinada para esquecer que vai morrer e que tudo o que faz não tem, estritamente, nenhum sentido" (OLIVA-AUGUSTO, 1994 apud FREIRE, 2006, p. 29).

O medo da morte, ao deixar de regular nossas ações, diárias passou a ser vivido, socialmente, como uma reação exagerada da mente: "o medo do morrer não é mais o medo do julgamento final, mas, psiquiatricamente, a expressão de uma personalidade neurótica" (AISENBERG & KASTENBAUM, 1983, p.207).

A interdição da morte, segundo Freire (2006), também afastou o homem do processo de sofrimento e introjeção do morto que compõem o luto. Em seu lugar, segundo Bauman (2005), instaurou-se uma ilusão negativa de um tipo moderno de consciência que leva a um rol de atividades compulsivamente cumpridas para que não haja tempo ocioso suficiente para uma reflexão verdadeira sobre a finidade de nossa existência.

Sobre a morte e o morrer não se fala, não se pensa nem se produz qualquer evento simbólico significativo:

> Se algumas formalidades são mantidas, e se uma cerimônia ainda marca a partida, devem permanecer discretas e evitar todo pretexto a uma emoção qualquer - assim, as condolências à família são agora suprimidas no final dos serviços de enterro. As manifestações aparentes de luto são condenadas e desaparecem. (...) Só se tem o direito a chorar quando ninguém vê nem escuta: o luto solidário e envergonhado é o único recurso (ARIÈS, 1997, p.87).

E ao ser esvaziado o valor significativo da morte, segundo Áries (2012), não há motivos para que se visitem os túmulos, o que também fez com que poucos dos mortos fossem lançados para fora dos centros, dos corações, das mentes, das cidades e dos sistemas de circulação simbólica.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 A ABORDAGEM DE PESQUISA

Segundo Gil (2011), é impossível negar que o Campo das Ciências Sociais lida com variáveis de difícil mensuração: os fatos sociais dificilmente podem ser tratados como coisas, expressos em termos quantitativos e explicados através de leis gerais.

Os fatos sociais, segundo Lévi-Strauss (1976), não podem ser reduzidos a fragmentos isolados. São fenômenos vivenciados pelos homens por meio de uma consciência subjetiva com caracteres objetivos, que juntos formam um tipo específico de realidade.

A pesquisa qualitativa, segundo Assis (2014), considera a existência dessa relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, que, segundo a autora, dá origem a um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser expresso na forma de números.

Para antropologia, segundo Lèvi-Strauss (id), os fenômenos sociais são originados a partir de seres pensantes, que agem, reagem, orientam suas ações das mais diferentes maneiras e que se comunicam entre si por meio de símbolos e signos.

As roupas, assim como os rituais, são formas simbólicas de comunicação criadas para reforçar as fronteiras que não se encontram inteiramente delimitadas.

No caso do vestuário, segundo Wilson (1985) e Flügel (1966), há uma necessidade de estabelecer uma clara separação entre o ser biológico e o ser social, que não pode ser expressa através de números, e sim por meio da interpretação de fenômenos e a atribuição de significados que aponta para a necessidade de uma abordagem qualitativa dos fatos.

3.2 O REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Grande parte das pesquisas desenvolvidas no campo das Ciências Sociais apoiam-se, segundo Cook *et al* (1974), em teorias científicas para definir,

adequadamente, a linha de raciocínio que conduzirá à compreensão do problema de pesquisa.

Nas palavras de Braithwait (1955 apud COOK *et al*, 1974), a teoria científica pode ser definida como um conjunto de hipóteses que constitui um sistema dedutivo organizado de proposições.

Segundo o autor, as proposições que se manifestam no interior do sistema podem ser consideradas a partir das relações de dependência que estabelecem entre si:

> As proposições num sistema dedutivo podem ser consideradas como dispostas numa ordem de níveis, onde as hipóteses de nível mais elevado são aquelas que aparecem como premissas do sistema, enquanto que as de nível mais baixo são as que aparecem apenas como conclusões do sistema (BRAITHWAIT,1955 apud COOK et al, 1954, p. 539).

Já Hempel (1952 *apud* COOK *et al*, 1974) descreve a teoria científica como um rede, na qual os conceitos são as intersecções, e as hipóteses, os fios que ligam as intersecções. Por meio desta rede flutuante de interpretações, é possível, segundo o autor, passar de ponto para outro, ou seja, de intersecção para a outra. Desta forma, a teoria explica fenômenos que em outras situações seria incapaz de explicar.

O objetivo da aplicação de uma teoria na ciência contemporânea, segundo Cook (1974), é o de sintetizar o conhecimento já existente, apresentar explicações para as relações e os fenômenos observados (utilizando para isso princípios explicativos contidos na teoria) e predizer a ocorrência de relações e acontecimentos futuros.

Segundo o autor, as teorias também são responsáveis por indicar a linha de orientação da pesquisa, pois indicam as áreas do conhecimento em que há maior probabilidade de se encontrarem relações amplamente significativas.

No entanto, as relações entre teoria e pesquisa não se manifestam em uma só direção: "A teoria estimula a pesquisa e aumenta o sentido de seus resultados; a pesquisa empírica, de outro lado, serve para verificar as teorias existentes e apresentar uma base para a criação de novas teorias" (COOK, 1974, p. 552).

Os resultados, por sua vez, podem gerar uma nova busca por conhecimento: podem verificar teorias pré-existentes, definir adequadamente conceitos, estabelecer

sistemas conceituais, construir hipóteses e indicar lacunas no conhecimento científico.

3.2.1 A Antropologia Cultural

A Antropologia Cultural é um ramo da Antropologia Geral, que se dedica, segundo Keesing (1961), a descrever e interpretar a totalidade do comportamento humano adquirido e socialmente transmitido, o qual denominamos de cultura.

No entanto, para se compreender melhor esta abordagem, faz-se necessário especificar melhor o conceito de cultura.

A cultura, segundo Kroeber (apud LAPLANTINE, 1996), é o conjunto de comportamentos, conhecimentos e *know-how* (saber-fazer) característicos de um grupo humano ou sociedade, adquirido por meio do processo de aprendizagem e transmitido ao conjunto de membros que compõem este grupo ou sociedade. Exemplo: crenças, moral, costumes, arte, leis, etc. Essa forma específica de comunicação e aprendizagem é o que faz, segundo Laplantine (id), com que os homens de uma determinada sociedade durmam diretamente no chão, enquanto que em outras sociedades os homens durmam sobre colchões; ou o que faz com que haja determinadas diferenças de trabalho entre os sexos nas sociedades do Oeste africano (homens cultivando terras e mulheres se dedicando à produção de cerâmica) e outras na ilha de Alor (mulheres cultivando terras e homens cuidando da educação das crianças).

As formas de contato físico socialmente aceitas são outros exemplos da diversidade cultural entre os povos. Nos países anglo-saxônicos, assim como no Japão, as trocas de contato entre dois interlocutores são extremamente restringidas, enquanto que na América Latina a proximidade é uma forma normal de se expressar o prazer de reencontrar o outro.

E embora as diferenças significativas decorrentes de uma cultura para a outra possam ser "encontradas nos menores detalhes de nossos comportamentos mais cotidianos" (LAPLANTINE, 1996, p.124), as atitudes humanas não podem ser submetidas a manipulações precisas e experimentos controlados, pois sofrem a influência de variáveis físicas, culturais, sociais, etc., que inviabilizam a possibilidade de se estabelecer "leis" comportamentais.

Entretanto, as ações humanas tendem a seguir normas, modos e regularidades provenientes do processo natural e inconsciente de interação do indivíduo com o grupo e com o meio no qual ele nasce e vive. Este sistema de comportamento grupal institucionalizado e reproduzido de forma inconsciente é que dará origem ao que nós chamamos de cultura:

> Cada cultura realiza uma escolha. Valoriza um determinado segmento do grande arco de círculo das possibilidades da humanidade. Encoraja um certo número de comportamentos em detrimentos de outros que se veem censurados. Através de um processo de seleção (não biológico, mas cultural), todos os membros de uma mesma sociedade compartilham um certo número de preocupações, sentem as mesmas inclinações e aversões (LAPLANTINE, 1996, p.126-127).

A cultura, segundo Keesing (1961), tende a seguir uma orientação ordenada de comportamentos similares e pré-aprovados que, quando repetidos, configuram uma forma reconhecível: "É geralmente fácil saber, por exemplo, se o indivíduo que está comendo à mesa é americano ou inglês pela maneira de segurar a faca e o garfo" (KEESING, 1961, p.36). O mesmo ocorre com o conjunto de valores (mais ou menos coerentes) que dão origem às nossas próprias configurações culturais.

Outro importante foco da Antropologia Cultural é o processo cultural de constituição da personalidade e do caráter do indivíduo.

No Campo da Antropologia Cultural, os indivíduos são estudados a partir das "influências configurantes que decorrem da participação em certa tradição social e cultural" (KEESING, 1961, p.70). Este estudo visa a identificar os tipos de personalidade (ou caráter) "normais" ou "modais" dentro de um grupo étnico ou sociedade. Estes estudos também levam em consideração o caráter de individualidade de cada membro do grupo, que é constituído por uma combinação única de fatores constitucionais e de experiências sociais e culturais:

> Reconhece-se plenamente que o indivíduo não é um mero "portador da cultura" ou um receptor passivo da "carimbagem cultural" de sua sociedade. Ele desempenha um papel ativo e criador na constituição de sua experiência cultural e social, através das percepções e opções seletivas, e pode introduzir inovações culturais que perdurem, além de sua vida, como parte da tradição estável (KEESING, XX, p. 70).

O indivíduo também assume a tendência de tomar para si as características de personalidade do ambiente no qual está inserido (ambiente familiar, ambiente

educacional, grupo ocupacional e religião), por influência dos pais ou de pessoas mais íntimas.

Segundo Honigmann (apud KEESING, 1961), todos os membros de um grupo étnico ou sociedade têm em comum o fato de serem educados no interior de um núcleo comum de ações, pensamentos e sentimentos, que lhes confere uma estrutura de personalidade básica, ou seja, um conjunto de características comuns a todas as pessoas que fazem parte de um mesmo grupo.

Os seres humanos também podem ser considerados dentro de um aspecto comportamental mais amplo: o da espécie.

Os indivíduos que constituem a espécie humana possuem características de personalidade semelhantes, independentemente dos ambientes socioagrupadores a que pertencem, tais como: "(...) capacidade de aprender, necessidade de interaturar com seus semelhantes, capacidade de selecionar, de criar, de tomar decisões individuais em relação ao meio cultural e social" (KEESING, XX, p. 72).

Uma das maiores dificuldades no Campo da Antropologia é, segundo Keesing (1961), a compreensão científica do comportamento humano de forma objetiva e imparcial, ou seja, sem a influência de valores e crenças pessoais do pesquisador ou da cultura à qual ele pertence. Esta dificuldade fez com que as pesquisas desenvolvidas no campo da Antropologia fossem conduzidas a partir da observação direta do comportamento humano dentro do processo natural de interação com o grupo e o meio do qual o indivíduo faz parte, levando-se em consideração a diversidade cultural.

Para explicar as formas comportamentais de aquisição e transmissão de conhecimentos, práticas e costumes que se manifestam no interior de cada cultura, a Antropologia Cultural utiliza modelos conceituais, também conhecidos como "quadros de referência teórica".

Os quadros de referência teórica permitem, segundo Gil (2011), a adequada definição de conceitos, a construção de hipóteses, o estabelecimento de sistemas conceituais e a indicação de lacunas no conhecimento científico.

A Antropologia Cultural também faz uso de técnicas de investigação específicas, tais como a observação do comportamento humano, o registro das atividades de campo (diário de campo) e a entrevista.

3.2.2. O estudo da cultura material

O conceito de cultura, também, abrange um complexo simbólico de artefatos que o homem produz a partir da habilidade de manipular a matéria-prima e construir algo.

Os homens, segundo Keesing (1972), não possuem o hábito de ponderar sobre suas atitudes em relação aos próprios objetos que produzem. No entanto, é por meio destes objetos que os homens aprendem e transmitem o conhecimento que adquiriram durante a vida aos seus semelhantes.

O estudo da cultura material busca conhecer o processo contínuo de interação que se estabelece entre a espécie humana e toda sorte de artefatos que ela produz (utensílio, objetos, manufaturas e invenções tecnológicas diversas).

Os objetos materiais, segundo Malinowski (1962), desempenham um papel muito específico no interior da cultura e só podem ser compreendidos segundo os processos culturais de aquisição e transmissão de conhecimentos, práticas e costumes que lhe deram origem: a camisa dos índios Arapahoe das planícies do Estados Unidos (fig. 01) é um exemplo.

Figura 01 - Camisa Arapahoe tradicionalmente utilizada na "Dança do Espírito". Fonte: Smithsonian Institution.

Esta peça compõe tradicionalmente o equipamento mágico dos participantes da "Dança do Espírito". O caráter mágico conferido à roupa por estes índios, segundo Keesing (1972), fê-los acreditar que esta vestimenta os protegeria também das armas do homem branco.

No entanto, se este povo desaparecesse e deles só restassem apenas os camisas produzidos por sua cultura, a "significação comportamental relacionada com as ações físicas do homem, com suas ideias e valores, também desapareceria" (KEESING, 1961, p.307-308).

3.2.3 O funcionalismo

O funcionalismo, segundo Mello (1983), preocupa-se em explicar o funcionamento da cultura em um dado instante; sem se ater as transformações socioculturais vivenciadas por ela ao longo do tempo. O foco desta abordagem, segundo Keesing (1961), está em compreender a função que cada elemento exerce no interior da cultura da qual faz parte.

Entre os principais teóricos do funcionalismo está Bronislaw Malinowski, o qual sistematizou o pensamento teórico funcionalista.

Segundo Laplantine (1996), a abordagem funcional desenvolvida por Malinowski permitiu que os trabalhos de campo sociológicos e etnográficos fossem desempenhados com alto grau de precisão e objetividade. Para isto, Malinowski (1962) elaborou um conjunto de postulados sobre sua experiência de campo e de exame do comportamento humano:

> Parece-me que toda experiência de campo assim como o exame das manifestações realmente importantes do comportamento humano organizado demonstram a validade dos seguintes axiomas:
>
> A. A cultura é essencialmente uma aparelhagem instrumental pela qual o homem é colocado numa posição melhor para lidar com os problemas específicos concretos que se lhe deparam em seu ambiente, no curso da satisfação de suas necessidades.
>
> B. É um sistema de objetos atividades e atitudes, no qual parte existe como meio para um fim.
>
> C. É uma integral na qual todos os sistemas são interdependentes.
>
> D. Essas atividades e objetos organizados em torno das tarefas importantes e vitais, em instituições tais como a família, o clã, a comunidade local, a tribo e as equipes organizadas de cooperação

> econômica local, a tribo, e as equipes organizadas de cooperação econômica, política, legal e atividade educacional.
>
> E. Do ponto de vista dinâmico, ou seja, no tocante ao tipo de atividade, a cultura pode ser analisada numa série de aspectos tais como educação, controle social, economia, sistemas de conhecimento, crenças e moralidade, e também de expressão criadora e artística (MALINOWSKI, 1962, p.146).

Para uma melhor compreensão dos preceitos anteriormente citados, faz-se necessário elucidar alguns pontos da teoria das necessidades desenvolvida por Malinowski, que corresponde à base da teoria funcionalista.

Segundo Malinowski (1962), em todas as culturas, o homem precisa satisfazer as necessidades básicas de seu organismo (tab. 01).

Tabela 01 - Esquema de respostas culturais geradas a partir da satisfação das necessidades básicas humanas:

Necessidades Básicas	**Respostas Culturais**
1. Metabolismo	1..Aprovisionamento
2 Reprodução	2. Parentesco
3. Confortos corporais	3. Abrigo
4. Segurança	4. Proteção
5 Movimento	5. Atividades
6. Crescimento	6. Treinamento
7. Saúde	7. Higiene

Fonte: Malinowski, 1962, p.91.

A satisfação destas necessidades, segundo o autor, leva a respostas culturais que visam à sobrevivência do indivíduo e a continuidade de sua espécie:

> Os seres humanos são uma espécie animal. Estão sujeitos a condições elementares que tem de ser atendidas de modo que os indivíduos possam sobreviver, a raça continuar e os organismos em conjunto ser mantidos em condições de funcionamento (MALINOVISKI, 1962, p. 43).

Segundo Malinowski (1962), as necessidades básicas são sanadas pelo homem por meio da produção e utilização de utensílios, da organização de grupos cooperativos e aperfeiçoamento do conhecimento passado de geração para geração: em posse dos artefatos e do conhecimento necessário para reproduzi-los e utilizá-los, o homem é capaz de criar um novo ambiente para se adaptar às

condições físicas do ambiente circundante. Este novo ambiente, no entanto, precisa ser constantemente mantido e administrado, o que dá origem a um novo padrão de vida cultural e a um novo grupo de necessidades (necessidades derivadas), já que novos padrões de comportamento foram necessários para que a construção e a reprodução do novo ambiente fossem conseguidas (tab. 02).

Tabela 02- Esquema de respostas culturais geradas a partir da satisfação das necessidades derivadas:

Imperativos	**Respostas**
1. A aparelhagem cultural de implementos e mercadorias de consumo deve ser produzida, usada, conservada e substituída por nova produção.	1. Economia.
2. O comportamento humano, no tocante aos seus preceitos técnicos, legais, costumeiros ou morais deve ser codificado, regulamentado em ação e sanção.	2. Controle social.
Imperativos	**Respostas**
3. O material humano com o qual cada instituição é mantida deve ser renovado, formado, preparado e provido com pleno conhecimento da tradição tribal.	3. Educação.
4. A autoridade dentro de toda instituição deve ser definida, aparelhada com poderes e meios de executar pela força de suas ordens.	4. Organização política.

Fonte: Malinowski, 1962, p.122.

Esta breve análise esboça o âmbito da relação estabelecida entre necessidade humana e realização cultural, estabelecida por Malinowski, o qual a denominou de funcional: para o autor, não há como definir o termo função dentro de uma cultura sem que seja por meio da "satisfação de uma necessidade por uma atividade na qual os seres humanos cooperam, usam artefatos e consomem mercadorias" (MALINOWSKI, 1962, p.43). A cultura, segundo o autor, corresponde a esta complexa aparelhagem material, humana e espiritual, que capacita o homem a lidar com os problemas concretos e específicos que ele possui, que são originados a partir das necessidades básicas e respostas culturais.

No entanto, o homem precisa se organizar caso queira atingir os fins que lhe permitam satisfazer as próprias necessidades. Em um âmbito mais amplo, esta organização demanda um sistema ordenado de atividades intencionais de atendimento das necessidades básicas e contínuas das formações sociais. A cultura, para Malinowski (1962) é composta e mantida graças à ação conjunta destas instituições, que são organizadas segundo um estatuto bem definido de atividades, divisão de atribuições e distribuição de privilégios e deveres.

Por meio de uma organizada cooperação social, do cumprindo dos regulamentos que regem sua ocupação específica e da utilização do aparelhamento material disponível, a instituição realiza a atividade para a qual foi designada, cumprindo, assim, sua função. A partir desta análise, Malinowski (id) apresenta a instituição como sistema organizado composto de estatuto, pessoal, normas, aparelhagem material, atividades e função (fig. 02):

Figura 02 - Diagrama elaborado por Malinowski para explicar a função das unidades concretas do comportamento organizado na obra. Fonte: Malinowski, 1962.

A análise desenvolvida por Malinowski, segundo Mello (1983), permitiu identificar os vários tipos de instituições existentes e os princípios integradores (tab. 03) que levam os grupos sociais a se organizarem na forma de uma instituição: o fator reprodutivo; o fator territorial; o fator fisiológico; a associação voluntária; a associação ocupacional ou profissional; a posição e o *status*; o fator totalizador.

Tabela 3 - Lista de tipos Institucionais universais:

Princípio de integração	**Tipo de instituição**
1. Reprodução (Laços de sangue definidos por um contrato legal de casamento e ampliados por um princípio especificamente definido de linhagem no esquema genealógico).	A família, como grupo doméstico de pais e filhos. A organização da corte. A definição legal e organização do casamento como um contrato vinculando dois indivíduos e aparentando dois grupos. O grupo doméstico ampliado e sua organização legal, econômica e religiosa. O clã, matrilinear e patrilinear. O sistema de clãs aparentados.
2. Territorial (Comunidade de interesses devidos a propinquidade, contiguidade e possibilidade de cooperação)	O grupo de vizinhança de municipalidades, tais como a horda nômade, o bando local errante, a aldeia, o aglomerado de pequenas povoações ou domicílios, a cidade, a metrópole. O distrito, a província, a tribo.
3. Fisiológica (Distinções devidas a sexo, idade e estigmas ou sintomas corporais)	Grupos sexuais totêmicos primitivos. Organizações baseadas em distinções sexuais fisiológicas ou anatômicas. Organizações devidas à divisão de funções e atividades sexuais. Grupos e graus de idade, na medida em que são organizados. Organizações em sociedades primitivas dos anormais, os mentalmente desequilibrados, os epilépticos (frequentemente ligadas a ideias mágicas ou religiosas); em nível mais elevado, instituições para os doentes, os loucos, os defeituosos inatos.
4. Associações voluntárias	Sociedades secretas primitivas, clubes, equipes recreativas, sociedades artísticas. Em níveis mais elevados, os clubes, as sociedades de ajuda mútua e de beneficência, as lojas, as associações voluntárias para recreação, melhoria de nível de vida ou a realização de um objetivo comum.
5. Ocupacional e profissional (A organização de seres humanos por suas atividades especializadas para fim de interesse comum e mais plena execução de suas capacidades especiais)	Num nível primitivo, fundamental de mágicos, feiticeiros, xamãs e sacerdotes; também grêmios de artífices e equipes econômicas. À medida que a civilização se desenvolve, as incontáveis oficinas, corporações e empresas, grupos de interesse econômico, e associações de trabalhadores profissionais em medicina, leis, ensino e no atendimento de necessidades religiosas. Também unidades específicas para o exercício organizado do ensino (escolas, colégios, universidades); para pesquisa (laboratórios, academias, institutos); para a defesa e agressão (exército, marinha, força aérea); para religião (paróquias, seitas, igrejas).

Princípio de integração	**Tipo de instituição**
6. Classe e condição	Estudos e ordens de nobreza, clero, burgueses, camponeses, servos, escravos. O sistema de casta. Estratificação por etnia, isto é, por distinções, sejam raciais ou culturais, em níveis primitivos e desenvolvidos.
7. Assimilação (A integração por comunidade de cultura ou por poder político)	A tribo como unidade cultural correspondendo à nacionalidade em níveis mais altamente desenvolvidos. O subgrupo cultural no sentido regional ou no sentido de pequenos encraves (minorias estrangeiras, o gueto, os ciganos). A unidade política que pode abranger parte da tribo ou sua totalidade ou ainda incluir várias subdivisões culturais. A distinção entre tribo-Estado é fundamental como organização política.

Fonte: Malinowski, 1962, p. 66-68.

Malinowski (1962) também explica o que culmina no desaparecimento das instituições. Segundo o autor, a perda da função é o que implica no desaparecimento das instituições dentro de uma cultura. Estes preceitos são ilustrados a seguir pelo pensamento de Baudrillard sobre o desaparecimento de instituições na cultura ocidental ao longo de sua historia:

> Sabemos todavia, o que significam os lugares inencontráveis: se a fábrica já não existe, é que o trabalho está em toda parte - se a prisão não existe é que o sequestro e a reclusão estão em todo lugar no espaço/tempo social - se o asilo deixa de existir é que o controle psicológico e terapêutico se generalizou e banalizou (BAUDRILLARD, 1996, p.173).

Seguindo o intuito de comprovar o caráter universal da instituição, Malinowski também elabora a análise funcional das manifestações culturais: para o autor, toda e qualquer atividade sociocultural corresponde a uma forma de comportamento organizado, independente do tipo de manifestação que a origina:

> Fôssemos tomar qualquer costume, ou seja, forma padronizada de comportamento, ele seria um ofício organizado, um modo de comportamento organizado em comer, dormir, transportar ou caçar, ou expressar-se diretamente ou simbolicamente uma atitude sociológica. Em qualquer caso, isso se enquadraria sempre em um sistema organizado de atividades (MALINOWSKI, 1962, p. 156).

A partir destes preceitos, Malinowski elabora a análise da sequência vital do comportamento humano, que leva à produção e ao domínio dos artefatos em função das necessidades básicas a serem supridas (tab. 04).

Tabela 04 - Esquema de sequências vitais permanentes existentes em toda cultura:

Impulso	**Ato**	**Satisfação**
Necessidade de respirar	Inspiração do oxigênio	Eliminação de CO2 dos tecidos
Fome	Ingestão do alimento	Saciedade
Sede	Absorção de líquido	Saciedade
Apetite sexual	Conjunção	Desintumescência
Fadiga	Repouso	Restauração da energia muscular e nervosa
Desassossego	Atividade	Satisfação da fadiga
Sonolência	Sono	Despertar com energia restaurada
Pressão da bexiga	Micção	Remoção da tensão
Pressão do intestino	Excreção	Relaxamento abdominal
Medo	Fuga do perigo	Relaxamento.
Dor	Evitação por ato físico	Volta ao estado normal

Fonte: Malinowski, 1962, p.79.

Para Malinowski, o "impulso" corresponde ao fator primordial para que se estabeleça uma sequência de eventos que levem à produção de cultura.

O impulso, segundo o autor, não pode ser eliminado de qualquer tipo de ação cultural, pois está presente em toda e qualquer atividade ligada com a satisfação de necessidades.

Segundo esta abordagem, o impulso inicial (I_1) é o que conduz a instrumentalidade, ou seja, a capacidade de criar um instrumento. O impulso seguinte (I_2) será que levará o indivíduo a administrar os artefatos produzidos no sentido de satisfazer a suas necessidades (fig. 03).

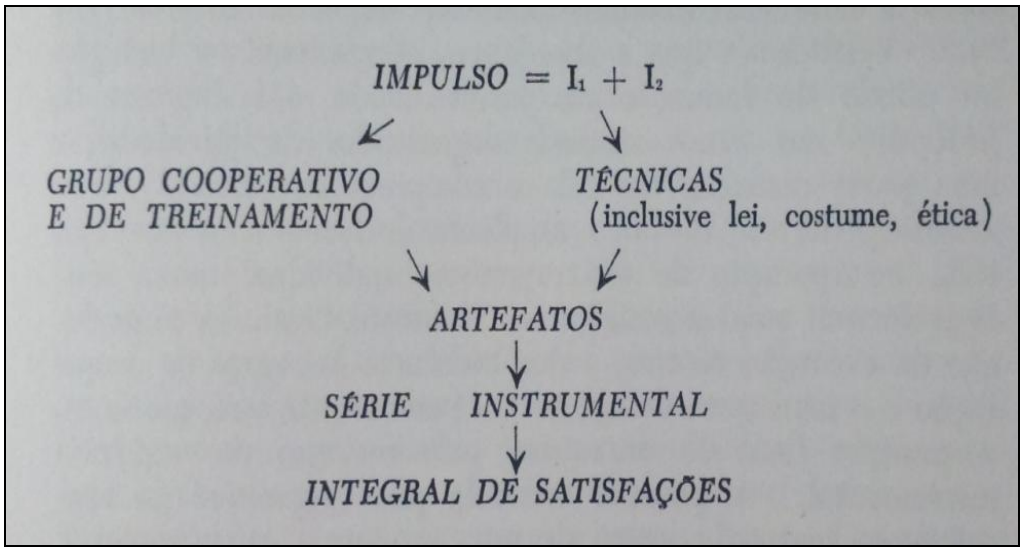

Figura 03 - Diagrama elaborado por Malinowski para explicar a sequência vital instrumental implementada. Fonte: Malinowski, 1962.

Segundo o autor, nenhum sistema organizado de atividades é possível sem a existência dos artefatos: "nenhuma fase diferencial em qualquer atividade humana ocorre sem o uso dos objetos materiais, artefatos e mercadorias de consumo - em suma, sem a incidência de elementos de cultura" (MALINOWSKI, 1962, p. 71). Este preceito também influenciou o estudo científico de ideias, pensamentos, crenças e emoções imersas no inconsciente cultural dos povos.

Os artefatos, segundo Malinowski, desempenham um papel altamente específico no interior da cultura a que pertencem: eles promovem uma constante interação entre o organismo e o meio secundário em que ele existe, dando origem ao que chamamos de cultura.

3.3 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi desenvolvida com a aprovação do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos (CEP) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP, respeitando-se à Resolução do Conselho Nacional de Saúde 196/96 (BRASIL, 1996).

A pesquisa foi desenvolvida após o recebimento de aprovação do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos (CEP) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP (ANEXO A) em 30 de junho de 2014.

Cumprindo as exigências da Resolução do Conselho Nacional de Saúde 196/96 (id), um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (ANEXO B) foi elaborado para que os participantes do estudo fossem informados de forma clara sobre os objetivos da entrevista, os procedimentos utilizados na coleta de dados e os possíveis riscos e benefícios em participar do projeto.

Os benefícios esperados durante a pesquisa eram que as pessoas entrevistadas pudessem resgatar momentos felizes vividos com estes familiares. No entanto, este benefício poderia acarretar alguns riscos: o entrevistado poderia manifestar saudosismo, tristeza ou alegria ao lembrar-se de momentos vividos com o ente falecido.

Para que as entrevistas fossem realizadas, também considerou-se a distância de três ou mais anos entre a data da entrevista e a data de falecimento do parente cujas roupas seriam assunto da pesquisa.

Foram levados em consideração, também, os resultados favoráveis obtidos por Ramsey (1979 apud PARKES, 1998), ao promover a superação do luto por meio do contanto com as lembranças da pessoa falecida diante de qualquer estímulo (visual, físico ou sonoro).

3.4 A COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, utilizamos como instrumento de pesquisa a entrevista livre não organizada.

A entrevista, segundo Cook *et al* (1974), corresponde à técnica mais adequada para a revelação de informações sobre assuntos complexos e emocionalmente carregados, e para obtenção de relatos sobre crenças, comportamentos, motivos e sentimentos pessoais. Por meio dela, também é possível verificar sentimentos ocultos no discurso do entrevistado.

A utilização da entrevista livre não organizada permitiu:

- A obtenção de repostas com maior grau de espontaneidade;
- Entrevistar pessoas que não saibam ler e escrever;
- Formular novos questionamentos a partir das respostas espontâneas obtidas;
- Esclarecer dúvidas que foram surgindo no decorrer da pesquisa;

- Uma maior abertura para que o entrevistador pudesse tocar em assuntos mais complexos e delicados;
- Investigar aspectos afetivos e valorativos que colaboraram para a formação do significado pessoal do entrevistado;
- Investigar o significado pessoal presente nas atitudes e comportamentos dos entrevistados;
- Utilizar recursos visuais (roupas e fotografias) para deixar o entrevistado mais à vontade para recordar os fatos vividos.

A adoção desta técnica de pesquisa também apresentou certo número de desvantagens: dispêndio de tempo, gastos com o deslocamento do entrevistador até o entrevistado, gastos com equipamentos de áudio gravação para registro dos relatos, a insegurança dos entrevistados em relação ao seu anonimato.

Estas desvantagens, no entanto, já haviam sido levantadas durante o estágio inicial de pesquisa, o que tornou possível que as seguintes medidas fossem adotadas como forma de precaução:

- Planejamento financeiro para a compra dos equipamentos de gravação;
- Planejamento financeiro para a compra dos equipamentos de gravação;
- Capacitação teórico-metodológica por meio de cumprimentos de créditos na disciplina de metodologia de pesquisa em psicologia (Anexo D);
- A elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) contendo a informação clara de como os dados obtidos durante a entrevista seriam tratados e como o anonimato do entrevistado seria mantido.
- A elaboração de um roteiro de perguntas para a entrevista preliminar (ANEXO C);
- A realização de uma entrevista preliminar;
- A avaliação do roteiro de perguntas da entrevista preliminar;
- O levantamento dos tópicos abordados durante a entrevista preliminar, que demonstraram fornecer informações de grande relevância para o desenvolvimento da pesquisa;

- A elaboração de um roteiro final (ANEXO F) de entrevista a partir do levantamento feito anteriormente.

3.5. O GRUPO SOCIAL PESQUISADO

O grupo social selecionado para esta pesquisa foi o de costureiras que nasceram entre as décadas de 20 e 40 e que residem na cidade de Ituverava (interior do estado de São Paulo)

A escolha por este grupo se deu, em primeiro lugar, devido à relação que se estabelece entre o grupo pesquisado e o artefato roupa: o fato de atuarem durante longos anos na confecção de roupas sob medida permitiu-lhes, ao longo do tempo, adquirir um conhecimento especializado sobre tecidos, estampas, técnicas de corte, técnicas de costura, técnicas de acabamento, nomenclatura de peças e processos de modelagem. Este conhecimento foi considerado indispensável para o aprofundamento das entrevistas realizadas.

A data de nascimento estipulada e a localidade estipulados visaram à identificação de mulheres que se tornaram economicamente ativas nas décadas de 50 e 60 em uma região em que a grande maioria das roupas eram produzidas por costureiras locais devido à ausência de indústrias de confecção na região.

A escolha por este grupo foi determinada após a realização de entrevistas-testes com moradores do Abrigo de Idosos Comendador Takayuki Maeda, da cidade de Ituverava. Estas entrevistas foram realizadas para que a eficácia do roteiro de perguntas fosse testada e não tiveram seu dados analisados. Durante estas entrevistas, grande parte dos entrevistados não soube descrever as características físicas das roupas do parente falecido nem o tipo de interação que tiveram com estas roupas antes e depois da morte deste parente. Apenas uma senhora conseguiu descrever as roupas do parente falecido e fornecer maiores detalhes da relação que estabeleceu com elas.

Esta senhora havia exercido a profissão de costureira durante longos anos de sua vida e confeccionado as peças de roupa que sua mãe usava enquanto ainda era viva. Ela mudou-se para o abrigo para acompanhar o marido doente. E, para isso, teve que se despojar de quase todos os seus bens, incluindo as roupas da falecida mãe, que ela guardava. A percepção diferenciada desta entrevistada permitiu

aprofundar os questionamentos sobre relação que ela havia estabelecido com as roupas deixadas por sua mãe.

3.6 A CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Como técnica de amostragem, foi utilizado o método "bola de neve"[6]. Esta técnica se fez necessária por se tratar de uma população escondida de difícil acesso: a maioria das costureiras com a faixa etária acima de 70 anos já não exerce mais a profissão devido a problemas de visão decorrentes da idade. Por meio da técnica, foram localizadas 02 costureiras.

O acesso à primeira costureira se deu durante a fase de realização das entrevistas-testes no Abrigo de Idosos Comendador Takayuki Maeda. Esta costureira forneceu a indicação de outra costureira para a realização da entrevista definitiva.

A primeira costureira indicada, no entanto, não aceitou participar da pesquisa devido ao tema, mas aceitou indicar outra costureira para a entrevista.

A segunda costureira indicada ainda exercia a profissão e foi localizada em seu próprio ateliê de costura. A impossibilidade de fechar o estabelecimento, devido a encargos financeiros e acerto com funcionários, fez com que ela continuasse a exercer a profissão com a ajuda de auxiliares de costura.

A terceira costureira não pode ser localizada, pois três dos nomes citados pela segunda costureira eram de pessoas já falecidas, o que culminou numa amostra de 1 informante apenas.

3.7 A ENTREVISTA DEFINITIVA

A entrevista foi concebida no ateliê de costura da entrevistada em 20 de abril de 2015. A informante em questão optou por falar das roupas do filho que falecera

[6] Técnica em que um indivíduo indica o outro, caracterizando um estado semelhante ao de uma bola de neve que acumula flocos ao rolar, tornando-se cada vez maior.

há alguns anos[7], muito provavelmente em decorrência dos sintomas de uma doença que lhe impediu o desenvolvimento físico e lhe proporcionou o aspecto de uma criança durante toda a vida. Esta doença nunca chegou a ser diagnosticada.

Durante a transcrição da entrevista, os nomes das pessoas envolvidas foram ocultados e somente as iniciais foram utilizadas.

3.7.1 Transcrição da entrevista

A transcrição da conversa está feita de acordo como a entrevistada respondeu às questões, portanto os “erros gramaticais” serão mantidos para realçar o tom da conversa.

Entrevista com Dona E.

Pesquisadora: A minha pesquisa é sobre como as pessoas se relacionam com as roupas deixadas pelos parentes mortos. A entrevista é dividida em dois momentos: enquanto a pessoa ainda era viva e depois que ela falece. Eu posso fazer a entrevista com a senhora?

Entrevistada: Ai.... "cara de rica".

Pesquisadora: "Cara de rica"?! (risos). Não há problema se a senhora não quiser responder; a participação da senhora é livre; podemos encerrar a entrevista a qualquer momento. A senhora não precisa se preocupar.

Entrevistada: Pode perguntar. Se algo me incomodar, eu fico muda.

Pesquisadora: A senhora fica muda?! Então tá! (risos)

Entrevistada: Conforme o que cê me perguntar.

Pesquisadora: Data de nascimento?

Entrevistada: 15 de setembro de 1941.

Pesquisadora: Idade?

Entrevistada: 73 anos

Pesquisadora: Profissão?

Entrevistada: Ahh... (faço) marmita... (risos).

Pesquisadora: Nome do parente falecido que a senhora queira falar a respeito?

Entrevistada: Ai, meu Deus...Tem tanto.

Pesquisadora: Pode escolher só um.

---

[7] Um dos requisitos imprescindíveis para que a pesquisa fosse realizada era o de que houvesse um espaço mínimo de três anos entre a data da entrevista e a data de falecimento do parente sobre o qual a pessoa entrevistada gostaria de falar.

Entrevistada: Pode falar do meu filho, né? Que é o que mais que me faz falta.

Pesquisadora: Pode. Como que era o nome dele? O que a senhora lembra?

Entrevistada: L. C. M.

Pesquisadora: (Parentesco com a entrevistada) Filho... Data de nascimento dele?

Entrevistada: 11/12/1962.

Entrevistada: Ele vai fazer 52.

Pesquisadora: Qual era a profissão dele?

Entrevistada: Profissão ele não tinha, mas ele mexia com som. Batia fotografia, mas não para ganhar dinheiro, porque isso aí precisa de estar instalado.

Pesquisadora: Essas fotografias aqui são dele?

Entrevistada: Sim.

Pesquisadora: São lindas...

Entrevistada: Lá dentro também tem.

Pesquisadora: Tem mais?

Entrevistada: Tem uma porção de quadro lá.

Pesquisadora: Então... em um primeiro momento (a entrevista), é sobre a percepção que a senhora tinha da roupa dele antes do falecimento. Por isso eu gostaria de saber sobre qual roupa a senhora gostaria de falar. De preferência, alguma roupa que senhora tenha feito para ele.

Entrevistada: Todas, quase todas, só ultimamente que eu não estava fazendo, porque tudo ele punha defeito nas roupas. Os outros veem as fotografias dele e falam “Nossa! Mas sua mãe te trazia igual um bonequinho, bem arrumado”. E ele ficava assim. Mas ele detestava terninho.

Pesquisadora: Ah! A senhora fazia terninho?

Entrevistada: Fazia. Mas, ocê precisa de ver a fotografia dele. Vou pegar aqui pra você ver que belezinha que era.

Pesquisadora: A maioria das roupas que a senhora fazia era terninho?

Entrevistada: Quando era pequeno; fazia. Fazia bastante terninho para ele.

Pesquisadora: De que tecido a senhora fazia para ele?

Entrevistada: De todos. Fazia de linho, fazia... Um pano mole, o duro que eu não sei o nome. Não sei o nome dele.

Pesquisadora: Antigamente, quais tecidos que tinha?

Entrevistada: Põe linho, porque...

Pesquisadora: A senhora não precisa se preocupar em dar respostas precisas. Não é uma coisa rígida, não. É o que a senhora lembrar. Cor, a senhora lembra? Que cor mais ou menos (de tecido) a senhora comprava?

Entrevistada: Ai, esse terninho que eu estou te falando era preto.

Pesquisadora: Preto.

Entrevistada: E camisinha branca, gravatinha preta.

Pesquisadora: A senhora fazia até gravatinha?

Entrevistada: Fazia.

Pesquisadora: Tinha alguma estampa ou não?

Entrevistada: Não.

Pesquisadora: Algum detalhe de modelagem?

Entrevistada: Ah! Era decotadinho, corte quadrado, trespassado de botão assim, aí ficava aparecendo a camisinha aqui ó.

Pesquisadora: No peito?

Entrevistada: Na golinha.

Entrevistada: Ah, e a gravatinha.

Pesquisadora: Por que a senhora fez essa roupa para ele?

Entrevistada: Para o aniversário dele.

Pesquisadora: Por que preferiu fazê-la ao invés de comprá-la?

Entrevistada: Porque eu não achava que eu queria. Não tinha isso para vender.

Pesquisadora: Como que era a profissão da senhora na época?

Entrevistada: Toda vida eu costurei, desde menina.

Pesquisadora: Quem que ensinou a senhora a costurar?

Entrevistada: Ninguém.

Pesquisadora: A senhora aprendeu sozinha e seguiu a profissão? De uma hora para outra resolveu costurar para fora?

Entrevistada: É, eu casei e depois que eu casei eu comprei a máquina e comecei fazendo as coisas. Aí foi. Quando eu era sorteira, eu trabaiava na roça. As pessoas falava que ia me dar a costura, aí eu levava a cadernetinha com a fita e a caneta, e tirava a medida lá na roça. A pessoa me dava o pano e eu trazia. Aí eu cortava de noite, montava e no outro dia levava para a pessoa experimentar.

Pesquisadora: Nossa.

Entrevistada: Aí, trazia de volta para terminar e domingo elas pegava a roupa.

Pesquisadora: Nossa. Bem puxado.

Entrevistada: Oh, se era. É que guentava ficar até tarde da noite, né? Assim, aí hoje eu não guento mais. Tinha que fazer almoço, bem. Tinha que levantar às quatro.

Pesquisadora: Esse terninho, como ficou no filho da senhora?

Entrevistada: Ficou bonitinho para ele.

Pesquisadora: Ele gostou?

Entrevistada: Na época ele vestia, mas despois... Essa molecada não.. Eles ficavam assim “cê vai casar?”.

Pesquisadora: Ahhhh.

Entrevistada: Ele ficava com uma raiva.

Pesquisadora: E ele usou essa roupa outras vezes?

Entrevistada: Usou muitas vezes.

Pesquisadora: Então foi um presente bom. Tem alguma ocasião especial que a senhora lembra dele usando essa roupa?

Entrevistada: É, aniversário ele usou.

Pesquisadora: Quem cuidava dessa roupa?

Entrevistada: Eu.

Pesquisadora: Com que frequência? A senhora lavava, passava, guardava...

Entrevistada: Tudo. Lava e passava.

Pesquisadora: Com o passar do tempo, essa roupa sofreu alguma alteração física?

Entrevistada: Não.

Pesquisadora: Não ganhou mancha, rasgou...

Entrevistada: Nã nã, nada nada. Eu dei pro sobrinho perfeita.

Pesquisadora: Perfeitinha?

Entrevistada: Ele não era de estragar roupa. Ele vestia 30 anos, usava a mesma roupa e não estragava.

Pesquisadora: Isso era bom.

Entrevistada: Mas também, não mudava o corpo assim de crescer, engordar, nada. Aí usava. Quando ele fez a identidade com 7 anos, ele estava com esse terninho, aí ele tirou a fotografia da identidade com o terninho.

Pesquisadora: O que foi feito com essa mesma roupa após a morte do seu filho?

Entrevistada: Não, essa roupa ele era pequeno quando eu fiz. Não era agora depois de grande. Ele era pequeno ainda.

Pesquisadora: Mas a senhora deu essa roupa depois que não servia mais?

Entrevistada: Na época, que não servia mais para ele, eu dei.

Pesquisadora: Ah, tá. Deu a roupa para alguém?

Entrevistada: Dei para o primo dele.

Pesquisadora: Por que preferiu dar a roupa para algum parente, ao invés de doar para uma pessoa desconhecida?

Entrevistada: Porque eu acho que estar na família tem mais, assim, não sei como te dizer.

Pesquisadora: Esse parente tinha alguma afinidade com a senhora?

Entrevistada: Tinha, né? Sobrinho.

Pesquisadora: Mas a senhora gostava dele? O sobrinho da senhora gostava da senhora (risos)?

Entrevistada: Gostava, né?

Pesquisadora: Ele tinha alguma afinidade com o seu filho?

Entrevistada: Não, porque nós morava aqui e eles morava lá em São Benedito. Assim, conhecia, mas não é que tinha assim. Quando mora tudo na mesma cidade, se encontra mais. Fica mais distante assim.

Pesquisadora: Ainda mais antigamente que não tinha tanto carro.

Entrevistada: Não tinha nem bicicleta, quanto mais carro.

Pesquisadora: O perfil físico dos dois era compatível?

Entrevistada: Era, porque o outro era novinho, né? Aí servia para ele.

Pesquisadora: Alguma coisa nesse parente fazia lembrar o filho da senhora?

Entrevistada: Não.

Pesquisadora: A senhora teve algum arrependimento de ter dado essa roupa?

Entrevistada: Não.

Pesquisadora: Houve algum arrependimento de ter dado a roupa para essa pessoa em específico?

Entrevistada: Não.

Pesquisadora: Como a senhora se sentiu ao encontrar essa pessoa vestindo essa roupa ou ao ver uma fotografia da pessoa vestindo essa roupa?

Entrevistada: Não, eu nunca encontrei ele com a roupa.

Pesquisadora: Se a senhora pudesse voltar no tempo, a senhora tomaria a mesma decisão e daria a roupa de novo para ele?

Entrevistada: Daria, né, porque já foi dado a primeira vez.

Pesquisadora: Me fala um pouco mais sobre o filho da senhora. Como ele era? O temperamento? O que a senhora lembra?

Entrevistada: Ele era muito caseiro. Ele era muito amigo assim...

Pesquisadora: Da senhora?

Entrevistada: Ultimamente, ele nem saía de casa de noite.

Pesquisadora: Por que?

Entrevistada: Ele não sei, parecia que ele sabia que ele ia embora. Ou ele ou eu, né? Então ele ficou mais amigo. Ele não me deixava sozinha. Eu que era mais seca com ele. Por que às vezes se ele viajava e eu não ligava. Ele ligava. Sempre preocupava, sabe?

Pesquisadora: Ele que ligava. A senhora não ligava.

Entrevistada: Eu tinha confiança com quem ele andava. Então não tinha essa preocupação assim.

Pesquisadora: Ele viajava muito?

Entrevistada: Não, mas assim, é igual o Maçarico. Toda vez que ia em Ribeirão, passava aqui e pegava ele. Para ter uma companhia, né? Aquele Edmar da Ambulância também sempre passava aqui. Dia de feriado levava ele pro mato lá pra minas pra tirar fotografia. Assim, coisas diferentes. Ele tirou uma foto, lá em Minas, em uma igrejinha em cima do morro, sabe. E ela chegou no quadro. Ela veio depois que ele morreu. O homem veio me entregar.

Pesquisadora: E o que a senhora fez com as roupas depois que ele faleceu?

Entrevistada: As roupas que ele usava? Muito pouco eu dei. Antes ele tinha... Quando ele fechou a bicicletaria aqui... Ele já tinha dado um monte de roupa que ele não ia usar mais. As que ele usava pra trabalhar, aí ele deu tudo. Aí ficou poucas. Alguma eu dei pros primos dele. Ainda tem.

Pesquisadora: A senhora só deu as roupas para parente?

Entrevistada: Eu não acho jeito para dar para gente de fora.

Pesquisadora: O que incomoda a senhora?

Entrevistada: Não sei, não sei. Me incomoda e eu não dou.

Pesquisadora: Mas parente a senhora já achou algum pra dar a roupa?

Entrevistada: Já. Tem um aí que adora ganhar roupa. Um sobrinho. Adora ganhar as roupas dele.

Pesquisadora: E usa?

Entrevistada: Usa.

Pesquisadora: Como a senhora se sente vendo ele com a roupa?

Entrevistada: Ai. O que eu vou fazer?

Pesquisadora: Tem gente que fica feliz. Tem gente que lembra, reconhece, sente saudades e fica feliz.

Entrevistada: Tem um priminho dele que adora ganhar as coisas do L. Ele veste assim... sem... sem preconceito nenhum.

Pesquisadora: A senhora guardou alguma roupa?

Entrevistada: Tem.

Pesquisadora: A senhora deixa em algum lugar específico? O que a senhora fez com essa roupa.

Entrevistada: Não. Eu guardei no guarda roupa dele mesmo.

Pesquisadora: A senhora lava, passa e deixa lá.

Entrevistada: Não, não. Do jeito que ficou, ficou. Só lavei as roupas que estavam no cesto mesmo, assim.

Pesquisadora: E colocou lá.

Entrevistada: Uhum.

Pesquisadora: Como que é a convivência com essas roupas?

Entrevistada: Não, fica lá.

Pesquisadora: Ela lá e a senhora aqui.

Entrevistada: Quietinha.

Pesquisadora: Vocês não conversam? (risos).

Entrevistada: Não.

Pesquisadora: No começo, logo depois que ele morreu, como foi esse contato com as roupas?

Entrevistada: É difícil né? Não é fácil, não. Você quer ir lá em casa ver um pouco de fotinha dele?

Pesquisadora: Vamos.

(Saem a entrevista e a pesquisadora em direção à casa de Dona E.)

Entrevistada: Fecha os olhos que eu sou... desmazelada... Então, essa daí é a foto que chegou depois que ele morreu. É a que o homem veio trazer.

Pesquisadora: Entendi. Pode tirar uma foto da capelinha?

Entrevistada: Pode tirar. Ela é interessante. Ela é lá em Minas. É,da última vez que ele viajou para lá, né? Sempre com o Edmar, aquele da ambulância, que morreu também de acidente.

(Entrevista e a pesquisadora andam pela casa)

Entrevistada: Aqui era o quarto dele, só que depois que ele morreu e minha mãe morreu, eu peguei essa cama dela. Aí aquela lá era a cama dele. A cama dele era assim. O guarda roupa era ali.

Pesquisadora: Nossa! Talhada a mão.

Entrevistada: É!

Pesquisadora: Esse é o guarda roupa que ficou?

Entrevistada: É, esse guarda roupa era dele.

(Fotos do guarda roupa são tiradas)

Entrevistada: Não tem muita coisa aqui, né? Porque eu já dei.

Pesquisadora: Não, mas a senhora ficou com muita coisa, sim.

Entrevistada: Essa jaqueta aqui é dele, ó. Ele usava muito ela.

Pesquisadora: Olha aquele tanto de camisa.

(Mais peças são fotografadas)

Entrevistada: Essa aqui tem tantos anos. Ele tinha um boteco e eles davam conforme o tanto que vendia. Dava essas coisas aí. Não sei se é capa de chuva, isso aí.

Pesquisadora: Entendi.

Entrevistada: Esse aqui! Ele gostava desse aqui, essa blusa de manga comprida. Essa aqui é uma camisa de tiro de guerra. Que ele adorava camisa de tiro de guerra. Então o primo dele pegou e deu para ele.

Pesquisadora: Ah.

Entrevistada: Esse terninho aqui ele tinha 18 anos. Precisava ir no baile da Associação e ele não tinha terno. Eu peguei e fiz esse assim, nas carreira lá.

Pesquisadora: Vou sentar aqui.

Entrevistada: Pode sentar. Aí fiz. Olha o tamanhozinho de quando ele tinha 18 anos. Essa camisa aqui tem tantos anos que fez.

Pesquisadora: Essa também foi a senhora que fez?

Entrevistada: Foi. E ele usou tanto isso aqui.

Silêncio...

(Mais peças são fotografadas)

Pesquisadora: Tem alguma coisa nas roupas? Marcas que a senhora lembra de alguma coisa específica?

Entrevistada: Não.

Pesquisadora: Manchou, sujou, alguma coisa que caiu...

Entrevistada: Esse pijama aqui, um shortinho.

Pesquisadora: A senhora guardou tudo.

Entrevistada: É, mas esse aqui foi de recente assim.

Silêncio...

(Dona E. se emociona, deixa as roupas e sai do quarto que era do filho. Depois convida para ir até seu quarto e abre uma gaveta da cômoda de seu quarto repleta de fotos do filho)

Entrevistada: Aqui quando ele tinha sete anos. Fotinha dele.

Pesquisadora: Ele era tão fofinho.

Entrevistada: Ele com sete anos de idade. A professora e ele, quando eu pus ele na escola, ela...

(Fotos são tiradas)

Entrevistada: Essa foto aqui foi que ele tirou dentro de um avião. Então, como ele gostava muito de avião, eu peguei e pus no cemitério essa aqui. Isso aqui tudo era foto que ele tirava. Até essa foto, é essa foto aqui. O pai dele gostou, aí depois que o pai dele morreu ele mandou o, ele tirou aquelas três fotos, mandou fazer e pôs no quadro lá com a pombinha..

(Mas fotos são tiradas)

Entrevistada: Ele era canhoto?

Pesquisadora: É, olha. Tava com a máquina na mão.

Entrevistada: Tá.

Silêncio

Entrevistada: Parece que eu sei onde é isso. Mas não tô lembrada.

Pesquisadora: Aí eu não sei. Acho que eu também não sei.

Entrevistada: Aqui é no Canindé. Parece que ele foi. Que ele falou. Pra cá, pra estação de trem. São as casas lá da estação. Tem mais foto dele, mas ainda acho que falta foto.

Silêncio

Entrevistada: Aqui ele, aqui agachado, ó.

Pesquisadora: No aeroclube?

Entrevistada: Nossa, ele tinha esses aviãozinhos. Nossa! Essa aqui também é ele.

Entrevistada: Aqui o terninho que eu estava te falando. Esqueci desse carneirinho que eu bordei aí.

Pesquisadora: Quantos anos ele tinha quando a senhora fez a roupa?

Entrevistada: 2 anos. A gente morava em Belo Horizonte, lá em Ibirité.

Pesquisadora: Tinha a gravatinha borboleta.

Entrevistada: Tinha.

Pesquisadora: A senhora bordou o carneirinho?

Entrevistada: Bordei.

Pesquisadora: E porque a senhora escolheu o carneirinho?

(Risos)

Entrevistada: Não sei por que não.

Pesquisadora: Tinha um shortinho, o terninho dele?

Entrevistada: Esse era de shortinho e não era de calça comprida. Esse aqui já era de calça comprida. Olha...

Pesquisadora: Quando a senhora descobriu a doença dele?

Entrevistada: Não chegou nem a descobrir. Ele ficou doente. Aqui ele tinha 9 meses quando tirou essa foto. De sapato kicker. Mas está desbotando, né? Ela era mais viva. Aqui ele ó. O terninho dele. Esse aí era linho. Aqui ele com 1 aninho. Também tá desbotando.

Pesquisadora: Tem a meia bordadinha também. O relógio. Até o relógio a senhora colocava?

Entrevistada: Colocava.

Pesquisadora: Aqui ele já está mais velho. Quantos anos ele tinha?

(Silêncio)

Pesquisadora: Aqui ele já ta adolescente, não já?

(Silêncio)

Pesquisadora: Quem a senhora acha que lembra mais, a senhora ou o pai dele?

Entrevistada: Ele parecia mais com o pai. Aparência, né? Puxou mais os M.

(Risos)

Entrevistada: Aqui esse é outro terninho dele.

Pesquisadora: Como a senhora tirava essas fotos?

Entrevistada: Nem sei mais.

Pesquisadora: Levava em algum estúdio?

Entrevistada: Acho que levava sim.

(Silêncio)

Pesquisadora: Depois que a roupa não servia mais senhora a dava?

Entrevistada: Uhum. Se bem que eu ainda tenho um paletozinho dele, que eu fiz quando ele nasceu.

Pesquisadora: Depois a senhora me deixa fotografar?

Entrevistada: Sim. De flanela, sabe? Aqui também é ele. Aparecia muito esses homens para tirar foto de carneirinho, de cavalinho. Aqui ele, lá no campo de aviação com... Ele tem muito álbum, mas eu não sei para onde tá. Aqui, quando ele tinha 18 anos.

Pesquisadora: Demorava muito para fazer essas fotos?

Entrevistada: Era gente que passava. Morava em São Benedito, aí. Isso aqui na parede, a parede era sem reboco (risos). Aí nós pois uma toalha na parede pra não aparecer aquele tijolo lá.

Pesquisadora: A foto ficou bonita. Antigamente era tudo bem primitivo, por isso estou perguntando para a senhora se a foto demorava para ser feita.

Entrevistada: Um vizinho fez isso aí. Meu filho até pegava foto antiga e mexia no computador para renovar, retocar, não sei.

Entrevistada: Quer sentar um pouco? Quer tomar um refrigerante?

Pesquisadora: Não, eu já vou. A senhora já me ajudou muito. Muito Obrigada.

3.7.2 Imagens registradas durante a entrevista

Durante as entrevistas, foram registradas imagens das fotos, das roupas e dos móveis que pertenceram ao filho de Dona E. Estas imagens foram registradas com o auxílio de um celular munido de dispositivo fotográfico.

Para evitar a identificação da entrevistada e de seu filho, foram selecionadas apenas as fotos do filho durante a infância.

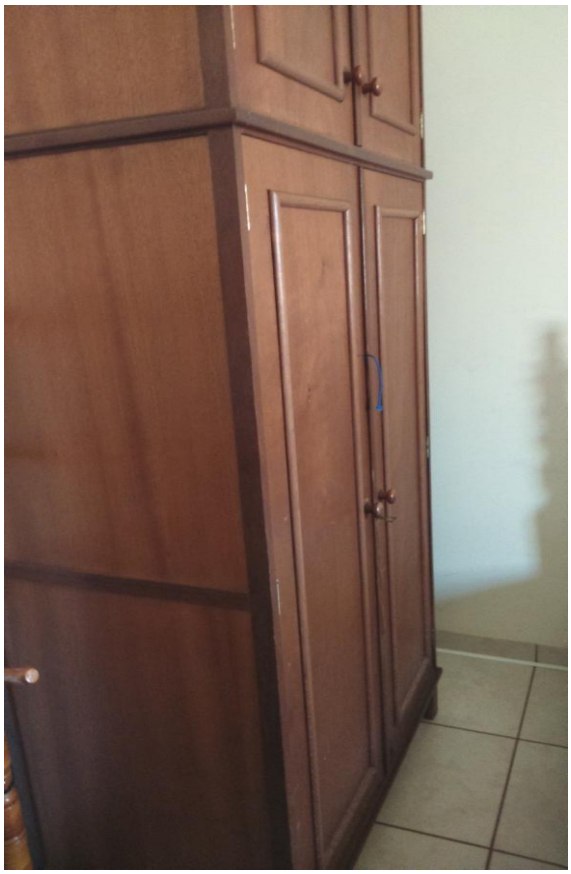

Figura 04 - Local onde as roupas do filho falecido de Dona E. estão guardadas.

Figura 05 - Roupas do filho que foram guardadas após sua morte.

Figura 06 - Conjunto de passeio confeccionado por Dona E. para o filho.

Figura 07 - Camisa preferida do filho, confeccionada por Dona E. para ele.

Figura 08 - Terninho confeccionando por Dona E. para o filho.

Figura 09 - Terninho confeccionando por Dona E. para o filho.

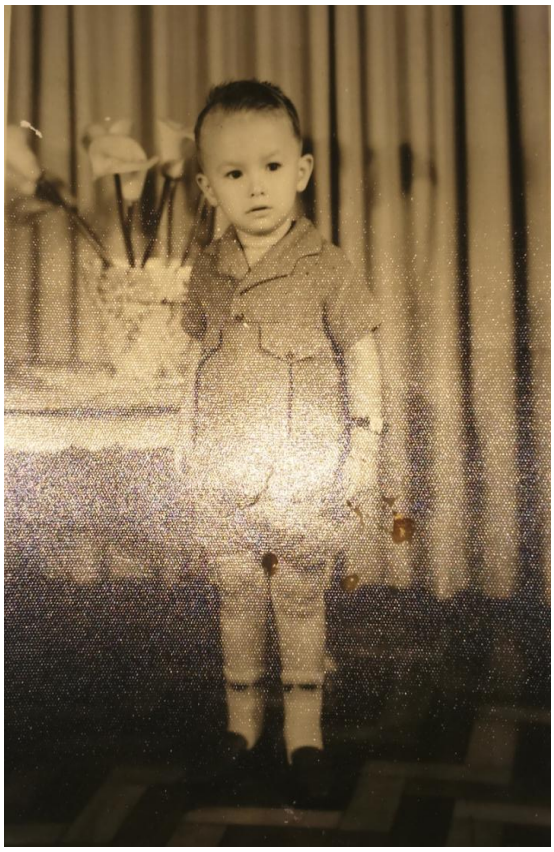

Figura 10 - Terninho confeccionando por Dona E. para o filho.

Figura 11 - Terninho confeccionando por Dona E. para o filho.

4 RESULTADOS

- Durante a infância do filho, o acesso a roupas prontas era difícil, por isso a mãe confeccionava as roupas que ele utilizava;
- O terninho era o principal conjunto de peças confeccionado pela mãe para o filho durante a infância;
- As roupas que não serviam mais ao filho quando pequeno eram doadas aos primos;
- A mãe continuou a confeccionar as peças de roupa para o filho mesmo depois de ele ter atingido a idade adulta;
- O último terno confeccionado pela mãe para o filho foi durante a fase adulta;
- Este último terno foi confeccionado para que o filho pudesse ir a um baile;
- Após a morte do filho, a entrevistada lavou as últimas peças de roupa usadas por ele;
- As roupas lavadas foram guardadas junto às demais peças que restaram do filho em seu guarda-roupa;
- Estas peças nunca mais foram lavadas ou passadas.
- Após o falecimento do filho, sua mãe decidiu o que seria feito de seus pertences;
- Algumas roupas que restaram do filho foram doadas aos primos;
- As roupas restantes permaneceram com a mãe do falecido;
- O último terno confeccionado pela mãe para o filho foi umas das peças que a mãe decidiu conservar;
- Estas roupas permanecem trancadas em um armário até os dias de hoje;
- A mãe do falecido dificilmente vê ou manipula as roupas que estão confinadas no interior do guarda roupas do filho;
- A entrevistada apresentou grande dificuldade em mostrar as roupas que pertenceram ao filho falecido (principalmente as peças de roupa que foram usadas por último);
- Esta mesma dificuldade não se manifestou enquanto a entrevistada mostrou as fotos do filho.

5 CONCLUSÕES

As roupas analisadas durante a pesquisa podem ser classificadas como artefatos criados pelo homem para satisfazer às necessidades básicas de proteção (protege o corpo contra mudanças climáticas bruscas) e de reprodução (realça os atrativos sexuais) de seu portador. Elas também satisfazem às necessidades culturais de proteção espiritual, pudor (impedido que chamemos a atenção para nossas excelências físicas) e *status*.

As roupas, de um modo geral, possuem características particulares, tais como cheiro, marcas, coloração, textura, detalhes e modelo. Estas particularidades são o que fazem das roupas objetos únicos e representantes legítimos das pessoas que as vestiram. Na sociedade de consumo contemporânea, tais peculiaridades, no entanto, só se tornam nítidas quando passam a ser intimamente associadas aos seus antigos donos.

A morte é um advento que provoca esse tipo de associação. É possível perceber mudanças significativas na forma com os que os parentes se relacionam com estas roupas após a morte de um ente querido, pois o advento da morte causa o aparecimento de novas necessidades culturais no grupo social em que a roupa está inserida: a roupa, que originalmente supria as necessidade de pudor, proteção e reprodução de seu antigo dono, passa a suprir as necessidades de conservação do patrimônio individual (no caso, as lembranças que se tem em relação ao falecido), transmissão do legado familiar a outras gerações (através de roupas doadas para parentes e amigos próximos) e de suporte emocional dos enlutados.

A distribuição dos pertences do morto, no entanto, envolve um caráter arbitrário de seleção, pois é necessário decidir quem é merecedor das roupas do falecido e por que; este fato pode ser observado durante a entrevista realizada com Dona E. e nos casos de luto familiar apresentados por Pinkus (1989).

Também podemos perceber a existência de um grupo organizado de pessoas (parentes e amigos) que se mobilizam ao redor das roupas do morto com intuito de ajudar os enlutados na organização, seleção e distribuição dos pertences do ente falecido.

No caso da entrevista, é possível observar que a forma de interação com as roupas do falecido é mantida graças a um vínculo de sangue gerado a partir de um contrato de casamento. Este vínculo é ampliado para demais membros do grupo

através de uma cadeia de linhagem e é descritor por Malinowski (1962) como um principio integrador de reprodução, o que permite a elaboração da hipótese de que a roupa mortuária seja preservada em nossa cultura por corresponder a uma instituição social, originada a partir do princípio integrador de reprodução.

Seguindo o pensamento Flügel (1966), outra hipótese possível é a de que o convívio com conservação da roupa dos entes mortos seja uma forma de solucionar o conflito criado pela incapacidade emocional de aceitar a perda do ente e a incapacidade de conviver com sua putrefação. Neste caso, o enlutado estaria transferindo a simbologia do corpo morto para a roupa.

6 SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

A presente pesquisa corresponde a um estudo exploratório, por isso sugere-se que o tema seja retomado em uma pesquisa posterior, ampliando-se tanto a pesquisa bibliográfica quanto a coleta de dados. Acredita-se também ser necessário estender a pesquisa às cidades vizinhas que sejam economicamente dependentes da cidade de Ituverava (Guará, Capivari da Mata e Igarapava), para o aumento da possibilidade de localizar mais informantes para o projeto. Também existe a possibilidade de aprofundar a busca por informantes que se mudaram da cidade de Ituverava. Espera-se, com a ampliação dos números de entrevistas, que mais dados possam ser coletados sobre o comportamento do ser humano em relação à roupa dos mortos.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente:** da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____ **O homem perante a Morte II.** Portugal Europa-américa, 1977.

ASSIS, Maria Cristina de. **Metodologia do Trabalho Científico.** Disponível em: http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfqLQAA/por-maria-cristina-assis-metodologia-trabalho-cientifico?part=7. Acesso em: 14 de Agosto de 2014.

BAUDRILLARD, J. **A troca simbólica e a morte.** São Paulo: Loyola, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. *A cultura do lixo* in: BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRASIL. **Diretrizes e normas regulares de pesquisas envolvendo seres humanos.** Brasília: Ministério da Saúde, 1996.

CORDWELL, Justine M. (org). **The fabrics of culture:** the anthropology of clothing and adornment. Mouton, 1979. Disponível em: < https://books.google.com.br/books?id=ckZhe0fdmaMC&pg=PA43&lpg=PA43&dq=the+psychology+of+clothes+ernest+harms&source=bl&ots=J9L-95JW6p&sig=L8W2t8a8XnZyT97J71f5a9RW_Ks&hl=pt-BR&sa=X&ei=BdkeVaqdNsGigwSn5YCACQ&ved=0CD8Q6AEwBQ#v=onepage&q=the%20psychology%20of%20clothes%20ernest%20harms&f=true > Acesso em: 14 nov. 2014.

FLÜGEL. John Carl. **A psicologia das roupas.** São Paulo: Mestre Jou, 1966.

FLÜGEL. John Carl. Sobre o valor afetivo das roupas. Psyche (Sao Paulo) v.12 n.22 São Paulo jun. 2008. Disponível em: << http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-11382008000100002&script=sci_arttext >> Acesso em Jan 2015.

FREIRE, M. C. B. **O som do silêncio:** isolamento e sociabilidade no trabalho. Natal: EDUFRN, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

HELM, June. **Essays on the verbal and visual arts.** Seattle: University of Washington, 1967.

JOPLING, Carol F. **Arte and aesthetics in primitive societies.** New York: E. P. Dutton, 1971.

AISENBERG, R.; KASTENBAUM, R. **Psicologia da morte.** São Paulo: Thomson Pioneira, 1983.
KEESING, Felix M. **Antropologia Cultural:** a ciência dos costumes. Vol.1. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

KEESING, Felix M. **Antropologia Cultural:** a ciência dos costumes. Vol. 2. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972.

KOVÁSC, M. J. (coord). **Morte e desenvolvimento humano.** São Paulo: Casa do Psicólogo: 1992.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. 9 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural II.** 4 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da cultura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

MELLO, Luiz Gonzaga. **Antropologia Cultural:** iniciação, teoria e temas. 2ed. Petrópolis, Vozes: 1983.

MORIN, E. **O homem e a morte.** 2 ed. Portugal: Europa-América, 1970.

OTTEN, Charlotte M. **Anthropology and art.** American Museum Sourcebooks in Anthropology. New York: Natural History, 1971.

PARKES, C. M. **Luto:** estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

PINCUS, L. **A família e a morte:** como enfrentar o luto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

COOK, Stuart W.; JAHODA, Marie; SELLTZ, Clarie. **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** 9 ed. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1974.

STALLYBRASS, P. **O casaco de Marx:** roupas, memória, dor. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

STURTEVANT, WIILLIAN C. *Seminole men´s clothing in*: HELM, June. **Essays on the verbal and visual arts.** Seattle: University of Washington, 1967.

WILSON, E. **Enfeitada de sonhos:** moda e modernidade. Lisboa: Edições 70, 1985.

ANEXOS

ANEXO A - A aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo[8].

ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS
E HUMANIDADES - EACH/USP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A roupa, o vazio e a dor
Pesquisador: Glenda Maíra Silva Melo
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 28697214.1.0000.5390
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 704.105
Data da Relatoria: 12/05/2014

Apresentação do Projeto:
A presente pesquisa tem como objeto de estudo a relação póstuma estabelecida entre roupa e indivíduo na sociedade de consumo contemporânea.
A problemática deste estudo indaga se os rituais de posse, troca, cuidados pessoais e desapropriação - utilizados pelos indivíduos para extrair o significado cultural dos bens de consumo - são mantidos quando a roupa de entes falecidos passa a ser o bem simbólico em questão. Numa sociedade cada vez mais complexa e inteligível, o fenômeno da morte se apresenta como o veículo imprescindível à compreensão da verdadeira lógica social contemporânea por trás do uso da roupa. O objetivo geral desta pesquisa é averiguar se a mesma lógica estrutural que se oculta na relação de consumo dos bens contemporâneos também se faz presente na relação póstuma estabelecida entre roupa e indivíduo. Para a efetivação desta investigação científica serão realizados estudos de caso com 15 pessoas que sofreram a perda de membros familiares e que, de alguma forma, tiveram que se relacionar com as roupas destes familiares depois de sua morte.

Objetivo da Pesquisa:
Objetivo Primário:
O objetivo específico é verificar a existência dos rituais de troca, posse, cuidados pessoais e/ou desapropriação nos relatos de pessoas que receberam as roupas de parentes mortos como legado.

Endereço: Av. Arlindo Béttio, nº 1000
Bairro: Ermelino Matarazzo **CEP:** 03.828-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-1046 **E-mail:** cep-each@usp.br

Página 01 de 03

[8] No presente parecer, constam os dados da pesquisa em um estágio anterior a banca de qualificação. A pedido da Banca de Qualificação foram alterados o título inicial da pesquisa, seus objetivos e número estipulado de participantes. A medida de alteração visou a uma maior compreensão da temática proposta e um melhor desenvolvimento metodológico da pesquisa. Este parecer encontra-se disponível no site da Plataforma Brasil através do endereço: < http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/visao/pesquisador/gerirPesquisa/gerirPesquisa.jsf >

Objetivo Secundário:
O objetivo geral desta pesquisa é averiguar se a mesma lógica estrutural oculta na relação de consumo dos bens contemporâneos também se faz presente nas relações póstumas estabelecidas entre roupa e indivíduo.
Objetivo Secundário:
O objetivo geral desta pesquisa é averiguar se a mesma lógica estrutural oculta na relação de consumo dos bens contemporâneos também se faz presente na relação póstuma estabelecidas entre roupa e indivíduo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
Riscos:
Durante a entrevista também existe o risco de que o participante fique mais emotivo (alegre, tristes ou saudosista).
Benefícios:
Segundo pesquisa realizada por Ramsey (1979 apud PARKES, 1998)o contato com as lembranças da pessoa morta por meio de qualquer estímulo que desperte a lembrança do ente falecido (visual, físico ou sonoro) contribui para a pessoa que não superou a perda do ente querido possa realizar o processo de luto.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
Segundo McCracken (2007), nos bens de consumo reside a capacidade de carregar e comunicar o significado cultural que reveste os objetos de um significado particular. Este significado cultural é, segundo o referido autor (id), transferido dos bens de consumo para o consumidor individual por meio das seguintes estruturas: os rituais de troca, posse, cuidados pessoais e desapropriação. Seriam, então, estes rituais mantidos quando a roupa de entes falecidos passa a ser o bem em questão? O objetivo geral desta pesquisa é averiguar se a mesma lógica estrutural que se oculta na relação de consumo dos bens contemporâneos, também se faz presente na relação póstuma estabelecida entre a roupa e o indivíduo. O objetivo específico é verificar a existência dos rituais de troca, posse, cuidados pessoais e/ou desapropriação nos relatos de pessoas que receberam as roupas de parentes mortos como legado. Para a efetivação desta investigação serão realizados estudos de caso com 15 pessoas que sofreram a perda de membros familiares e que, de alguma forma, tiveram que se relacionar com a roupa destes familiares depois de sua morte. A coleta de dados será obtida por meio de entrevista focalizada sobre as recordações que suscitam as roupas dos falecidos, os cuidados de conservação que estas roupas demandam, as características pessoais que possuem e o desconforto - ou o conforto - que o convívio com elas desperta. O

Endereço: Av. Arlindo Béttio, nº 1000
Bairro: Ermelino Matarazzo **CEP:** 03.828-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-1046 **E-mail:** cep-each@usp.br

método de análise de dados a ser empregado consiste em relacionar a teoria estruturalista sobre os rituais de consumo presentes em McCracken (2007), com os relatos dos sujeitos entrevistados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios foram devidamente elaborados e apresentados, inclusive a Carta de Apresentação do Protocolo de Pesquisa ao Coomitê de Ética envolvendo os Seres Humanos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP, onde constam todos os compromissos da pesquisadora, de acordo com todas as resoluções que envolvem o Comitê de Ética e este projeto. O TCLE foi ajustado corretamente à pesquisa e encontra-se dentro das normas.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências e todos os termos foram apresentados conforme as normas.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

SAO PAULO, 30 de Junho de 2014

Assinado por:
Rosa Yuka Sato Chubaci
(Coordenador)

Endereço: Av. Arlindo Béttio, nº 1000
Bairro: Ermelino Matarazzo **CEP:** 03.828-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-1046 **E-mail:** cep-each@usp.br

ANEXO B - Termo De Consentimento Livre e Esclarecido (Tcle)[9]

Titulo da pesquisa:

“A roupa e a morte”

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar da pesquisa intitulada **“A roupa e a morte".** A sua participação é muito importante e ela se dará por meio de **entrevista sobre as recordações que as roupas dos familiares mortos suscitam, os cuidados de conservação que estas roupas demandam, as características pessoais que estas roupas possuem e o desconforto - ou o conforto - que o convívio com elas desperta.** O objetivo desta entrevista é **conhecer o significado que as roupas dos mortos têm para seus herdeiros.** Como forma de registro da entrevista, será utilizado um gravador de áudio. Gostaríamos de esclarecer, também, que **sua participação é totalmente voluntária** e que a qualquer momento o(a) senhor(a) poderá recusar-se a participar da pesquisa, ou mesmo desistir, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Todas informações coletadas serão tratadas de modo a preservar a sua identidade, mantendo em absoluto sigilo seu nome ou qualquer elemento que possa, de alguma forma, identificá-lo (a).

Os benefícios esperados são de que, ao manusear as roupas da pessoa falecida ou entrar em contato com as lembranças que estas roupas provocam, as pessoas entrevistadas possam recordar momentos felizes vividos com estes familiares. Durante a entrevista, também existe o risco de que o participante fique mais emotivo (alegre, tristes ou saudosista).

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos sobre esta pesquisa, poderá contatar a pesquisadora responsável Glenda Maíra Silva Melo no endereço Rua Comandante Marcondes Salgado, n°848, apto 12, Centro, Ribeirão Preto - SP; pelos telefones (16) 98147-2359 ou (16) 3610-9338; ou pelo e-mail glenda.m@usp.br.

---

[9] No presente TCLE constam os dados da pesquisa em um estágio posterior a banca de qualificação. A versão inicial do TCLE sofreu alterações a pedido da banca de qualificação. A versão original do TCLE encontra-se disponível no site da Plataforma Brasil através do endereço: < http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/visao/pesquisador/gerirPesquisa/gerirPesquisa.jsf >

O(a) senhor(a) também poderá entra em contato direto com o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Escola de Artes Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP) pelo endereço Avenida Arlindo Béttio, n°1000, Ermelino Matarazzo, São Paulo -SP, CEP: 03828-000, sala T14 - l1; pelo telefone (11) 3091-1046; pelo e-mail cep-each@usp.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao(a) senhor(a). No entanto, caso o participante não tenha condições de ler e/ou compreender este TCLE, o mesmo poderá ser assinado e datado por um membro da família ou responsável legal.

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos deste projeto, declaro que concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima e que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido.

_____, _____ de _____de _____.

_____

Participante

_____

Pesquisador Responsável

RG: 25454492-7

NUSP: 7796957

ANEXO C - Atestado de conclusão de disciplinas

Universidade de São Paulo
Brasil

Janus
Sistema administrativo da Pós-graduação

Escola de Artes, Ciências e Humanidades

ATESTADO

Atestamos, para os devidos fins que, até o dia 08/07/2015, o(a) senhor(a) Glenda Maíra Silva Melo, de número USP 7796957, cursou a(s) disciplina(s) abaixo na qualidade de aluno(a) regular do programa de pós-graduação em Têxtil e Moda.

Disciplina: Filosofia da Ciência
Sigla: TXM5001-1/4 **Carga Horária:** 120 **Conceito:** C **Frequência:** 80 **Créditos:** 8
Início: 04/03/2013 **Término:** 16/06/2013

Disciplina: Aspectos Socioantropológicos da Moda
Sigla: TXM5026-1/3 **Carga Horária:** 120 **Conceito:** A **Frequência:** 80 **Créditos:** 8
Início: 07/03/2013 **Término:** 19/06/2013

Disciplina: Metodologia Científica
Sigla: TXM5000-1/4 **Carga Horária:** 120 **Conceito:** B **Frequência:** 100 **Créditos:** 8
Início: 07/03/2013 **Término:** 19/06/2013

Disciplina: Cultura das Novas Tecnologias Aplicada: Moda e Têxtil
Sigla: TXM5023-1/4 **Carga Horária:** 120 **Conceito:** B **Frequência:** 76 **Créditos:** 8
Início: 06/03/2013 **Término:** 20/06/2013

Documento emitido às 14:16:10 horas do dia 08/07/2015 (hora e data de Brasília).
Código de controle: CRSG - I7YF - 5KRL - 4Q2S
Código de controle válido até: 08/07/2016

Página 1

Universidade de São Paulo
Brasil

Janus
Sistema administrativo da Pós-graduação

Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Aluno: Glenda Maíra Silva Melo, número USP 7796957
Programa: Têxtil e Moda.

Disciplina: Comportamento do Consumidor
Sigla: RAD5010-4/1 **Carga Horária:** 90 **Conceito:** A **Frequência:** 95 **Créditos:** 6
Início: 10/09/2013 **Término:** 12/11/2013

Disciplina: Metodologias de Pesquisa em Psicologia
Sigla: 5945142-1/2 **Carga Horária:** 90 **Conceito:** A **Frequência:** 80 **Créditos:** 6
Início: 13/08/2013 **Término:** 26/11/2013

Este documento eletrônico dispensa carimbo e assinatura. Sua autenticidade pode ser comprovada fornecendo-se o código de controle na seguinte página da Universidade de São Paulo: http://uspdigital.usp.br/webdoc

Documento emitido às 14:16:10 horas do dia 08/07/2015 (hora e data de Brasília).
Código de controle: CRSG - I7YF - 5KRL - 4Q2S
Código de controle válido até: 08/07/2016

ANEXO D - Carta de notificação enviada ao CONEP sobre as alterações sofridas pelo projeto de pesquisa por solicitação da banca de qualificação.

À Comissão Nacional de Ética em Pesquisa,

Por sugestão da banca de qualificação realizada em 19 de março de 2014, o projeto de pesquisa intitulado "A roupa, o vazio e a dor" teve o título, o objetivo geral, os objetivos específicos, a metodologia, o instrumento de coleta de dados, o grupo social de pesquisa, o número da amostra e o método de análise de dados alterados. A solicitação visou a uma maior compreensão da temática proposta e um melhor desenvolvimento metodológico da pesquisa e culminou nas seguintes modificações:

- O título foi alterado para "A roupa e a morte";
- O objetivo geral da pesquisa passou a ser o de identificar a função que a roupa dos mortos exerce em nossa cultura;
- Os objetivos específicos da pesquisa passaram a ser o de identificar os motivos que levam uma pessoa a conservar as roupas de um ente falecido;
- A metodologia de pesquisa adotada passou a ser o funcionalismo;
- O instrumento de coleta adotado passou a ser a entrevista livre não organizada;
- O grupo social pesquisado foi o de costureiras nascidas entre as décadas de 20 e 40, residentes na cidade de Ituverava - interior de São Paulo (a escolha por este grupo social se deu, em primeiro lugar, devido à maior familiaridade que estas pessoas possuem com as roupas; a data de nascimento e a localidade estipulados visaram à identificação de mulheres que se tornaram economicamente ativas durante uma época e região em que a grande maioria das roupas eram produzidas por costureiras locais devido à ausência de indústrias de confecção na região. A longa atuação profissional desta mulheres permitiu-lhes adquirir um conhecimento especializado sobre tecidos, estampas, técnicas de corte, técnicas de costura, técnicas de acabamento, nomenclatura de peças e processos de modelagem, conhecimento este considerado indispensável para o aprofundamento das entrevistas).

Atenciosamente,

Glenda Maíra Silva Melo (Nusp 7796957).
Aluna do programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda da EACH/USP.

ANEXO E - Roteiro de entrevista preliminar

ROTEIRO DE ENTREVISTA

PARTE 01

(IDENTIFICAÇÃO)

Entrevista de número:_____

Data da realização:_____

Entrevistador(a):_____

Nome da entrevistada: _____

_____

Data de nascimento:_____

Idade:_____

Naturalidade:_____

Endereço:_____

_____

_____

Telefone:_____

Profissão: _____

PARTE 02

(O SIGNIFICADO QUE A ROUPA DO PARENTE MORTO TEM PARA A ENTREVISTADA ANTES DA MORTE DESTE PARENTE)

INSTRUÇÃO I: Pedir à pessoa entrevistada que escolha uma roupa (uma peça ou um conjunto de roupas) feita por ela para algum parente falecido. A escolha da peça pode ser um ato físico ou apenas uma lembrança.

1. Sobre QUAL ROUPA a senhora deseja falar?

2. De quem era esta roupa?

3. Como era esta pessoa? (Aparência física e personalidade)

- *Aparência física*
- *Personalidade*
- *Manias*
- *Comportamento*
- *Gostos.*

4. O que a senhora mais gostava nesta pessoa?

- *Aparência física*
- *Senso de humor*
- *Personalidade;*
- *Manias*
- *Comportamento*
- *Gostos*
- *Caráter*

5. O que a senhora acredita que tinha de parecido com essa pessoa? (gênio, comportamento, gostos, etc.)

- *Aparência física*
- *Gênio*
- *Manias*
- *Comportamento*
- *Gostos*

INSTRUÇÃO II: Registrar a roupa selecionada (fotografar a peça, caso ela ainda exista ou fotografar uma foto em que o parente esteja utilizando a foto). Caso não haja a possibilidade de fotografar a roupa, pedir à entrevistada que descreva a roupa:

6. Como era esta roupa?

- *Cor;*
- *Caimento;*
- *Modelo;*
- *Estampa;*
- *Detalhes.*

7. Ela ainda conserva as mesmas características?

8. Por que a senhora fez esta roupa?

9. Por que preferiu fazê-la ao invés de comprá-la?

10. Como foi a escolha do tecido?

11. Por que escolheu aquele modelo?

12. Como foi o processo de planejamento da confecção da roupa?

- *A escolha do tecido*
- *O corte da peça*
- *A seleção de aviamentos*
- *A realização de justes*
- *A elaboração dos detalhes*

13. Qual foi a sensação de fazê-la?

14. Que sensações foram despertadas depois de pronta?

15. Como ficou na pessoa?

16. A pessoa gostou?

17. Em que ocasiões ela utilizou a roupa?

- *Quais os momentos mais marcantes?*

18. Como ela foi guardada?

19. Quem cuidava desta roupa?

PARTE 3

(O SIGNIFICADO QUE A ROUPA DO PARENTE TEM PARA A ENTREVISTADA DEPOIS DA MORTE DESTE PARENTE)

1. O que foi feito desta roupa após o falecimento da pessoa?

2. Quem tomou a decisão sobre o quê fazer?

3. Manteve algum contato com estas roupas logo após o falecimento do parente?

4. Qual a sensação que tinha inicialmente ao olhar para as roupas deixadas?

5. O que mais a fazia recordar da pessoa quando olhava para roupa?

6. O que mais lhe faz lembrar o ente perdido na roupa escolhida? Por quê?

- *O cheiro da roupa;*
- *A cor da roupa;*
- *O toque do tecido (a textura);*
- *A estampa;*
- *O modelo;*
- *Alguma mancha;*
- *Algum rasgado;*
- *Algum puído;*
- *Alguma deformação na roupa;*
- *Algum remendo;*
- *O modo como a pessoa usava a roupa;*
- *Alguma preferência marcante da pessoa.*

ANEXO F- Roteiro de entrevista final

Roteiro de Entrevista

Data: __/ __/ ____

1. **Identificação familiar:**
   - Nome (entrevistada): _____
   - Data de nascimento: __/__/____ Idade: _____ Profissão: _____
   - Nome (parente falecido): _____
   - Grau de parentesco: _____
   - Data de nascimento: __/__/____ Idade: _____ Profissão: _____

2. **Dados sobre a percepção da entrevista sobre as roupas do parente enquanto ele era vivo.**

a) Sobre qual roupa a senhora gostaria de falar?

b) Como era o modelo da roupa?

c) De que tecido foi feita?

d) De que cor ela era?

e) Tinha alguma estampa?

f) Tinha algum detalhe de modelagem?

g) Por que a senhora fez esta roupa?

h) Por que preferiu fazê-la ao invés de comprá-la?

i) Por que escolheu este modelo?

j) Por que escolheu este tecido?

k) Como ficou no seu filho?

l) Ele gostou?

m) Em que ocasiões ele utilizou a roupa? Lembra-se de alguma ocasião especial?

n) Quem cuidava desta roupa?

o) Com que frequência?

p) Por que escolheu este modelo?

q) Por que escolheu este tecido?

r) Como ficou no seu filho?

s) Ele gostou?

t) Em que ocasiões ele utilizou a roupa? Lembra-se de alguma ocasião especial?

u) Quem cuidava desta roupa?

v) Com que frequência?

w) Com o passar do tempo, esta roupa sofreu alguma alteração física: ganhou alguma mancha, algum rasgo, algum puído, algum remendo ou algum cheiro?

x) Você sabe como estas marcas foram adquiridas?

3. Dados sobre a percepção da entrevista sobre as roupas do parente depois de morto:

a) O que foi feito desta mesma roupa após a morte de seu filho? (Conforme a resposta seguir, a sequência I, II, III, IV, V, VI ou VII)

I) Deu algumas das roupas para algum parente:

- Por que preferiu dar para algum parente ao invés de doá-la para uma pessoa desconhecida?
- Para qual parente a senhora dou a roupa?
- Este parente tinha alguma afinidade com a senhora?
- Este parente tinha alguma afinidade com seu filho?
- O perfil físico dele era compatível com o do seu filho?
- Alguma coisa nele lhe fazia lembrar seu filho?
- Houve algum arrependimento em ter dado a roupa?
- Houve algum arrependimento em ter dado a roupa para esta pessoa em específico?
- Como a senhora se sente ao encontrar a pessoa vestido essa roupa?
- Se pudesse voltar no tempo, tomaria a mesma decisão?

II) Deu a roupa para algum conhecido ou amigo:

- Para quem a senhora doou a roupa?
- A senhora conhecia bem esta pessoa?
- A senhora tinha alguma afinidade com esta pessoa?
- O perfil físico desta pessoa era compatível com o do seu filho?
- Alguma coisa nele lhe fazia lembrar seu filho?
- Houve algum arrependimento em ter doado a roupa?
- Houve algum arrependimento em ter doado a roupa para esta pessoa?
- Se pudesse voltar no tempo, tomaria a mesma atitude?

III) Doou para alguma instituição:

- Por que preferiu doar a roupa para alguma instituição ao invés de dá-la para algum conhecido?
- Para qual instituição a senhora doou a roupa?
- Por que escolheu esta instituição?
- O que a levou a tomar esta decisão?
- A senhora levou a roupa até a instituição ou alguém se encarregou de levá-la para a senhora?
- Como a senhora se sentiu ao doar a roupa?
- Isso lhe deu consolo, alívio ou tristeza?
- A senhora alguma vez quis saber o que foi feito com esta roupa?
- A senhora sabe se esta roupa ainda existe?
- Como foi lidar com o vazio deixado pela roupa no guarda-roupas?
- Houve algum arrependimento em ter doado a roupa?
- Se pudesse voltar no tempo, tomaria a mesma atitude?

IV) Vendeu, jogou fora, queimou ou rasgou:

- O que a levou a tomar esta atitude?
- Sentiu algum tipo de incomodo com a roupa?
- Qual?
- Como a senhora se sentiu ao se livrar desta roupa?
- Ficou aliviada, triste ou mais desconsolada?

- Como a senhora lidou com o vazio do guarda-roupa?
- O que este vazio significou?
- Houve algum arrependimento em ter doado a roupa?
- Se pudesse voltar no tempo, tomaria a mesma atitude?

V) Utilizou a roupa:

- Continua sendo utilizada pela senhora?
- Por que quis usá-la?
- Ela tem o mesmo cheiro?
- Tem a mesma cor?
- O tecido ainda se mantém intacto?
- Ela tinha alguma mancha, algum rasgo, algum puído, algum remendo, algum cheiro que fazia com que a senhora se lembre de algum momento vido pelo filho?
- Qual?
- A senhora pretende deixar esta roupa para alguém?

VI) Conserva algumas das roupas roupa?

- Onde a guardou?
- Por que preferiu guardá-la?
- Continua guardada no mesmo lugar?
- Ela é lavada, passada e guardada pela senhora?
- Com que frequência?
- Ela tem alguma mancha, algum rasgo, algum puído, algum remendo ou algum cheiro que a fazia lembrar-se de seu filho ou de algum episódio vivido por ele?
- Qual?
- Como era olhar para ela nas primeiras semanas?
- Esta roupa ainda existe?
- A convivência com esta roupa foi reconfortante ou incomoda?
- Como é a convivência com esta roupa hoje em dia?
- Ela ainda traz as mesmas recordações?
- Ele ainda conserva as mesmas características físicas?

- Pretende deixá-la para alguém em especial?
- Como é olhar para ela atualmente?
- Tinha algo de reconfortante em conviver com ela?
- Ela conserva as mesmas características físicas?

VII) Outro. Especificar _____